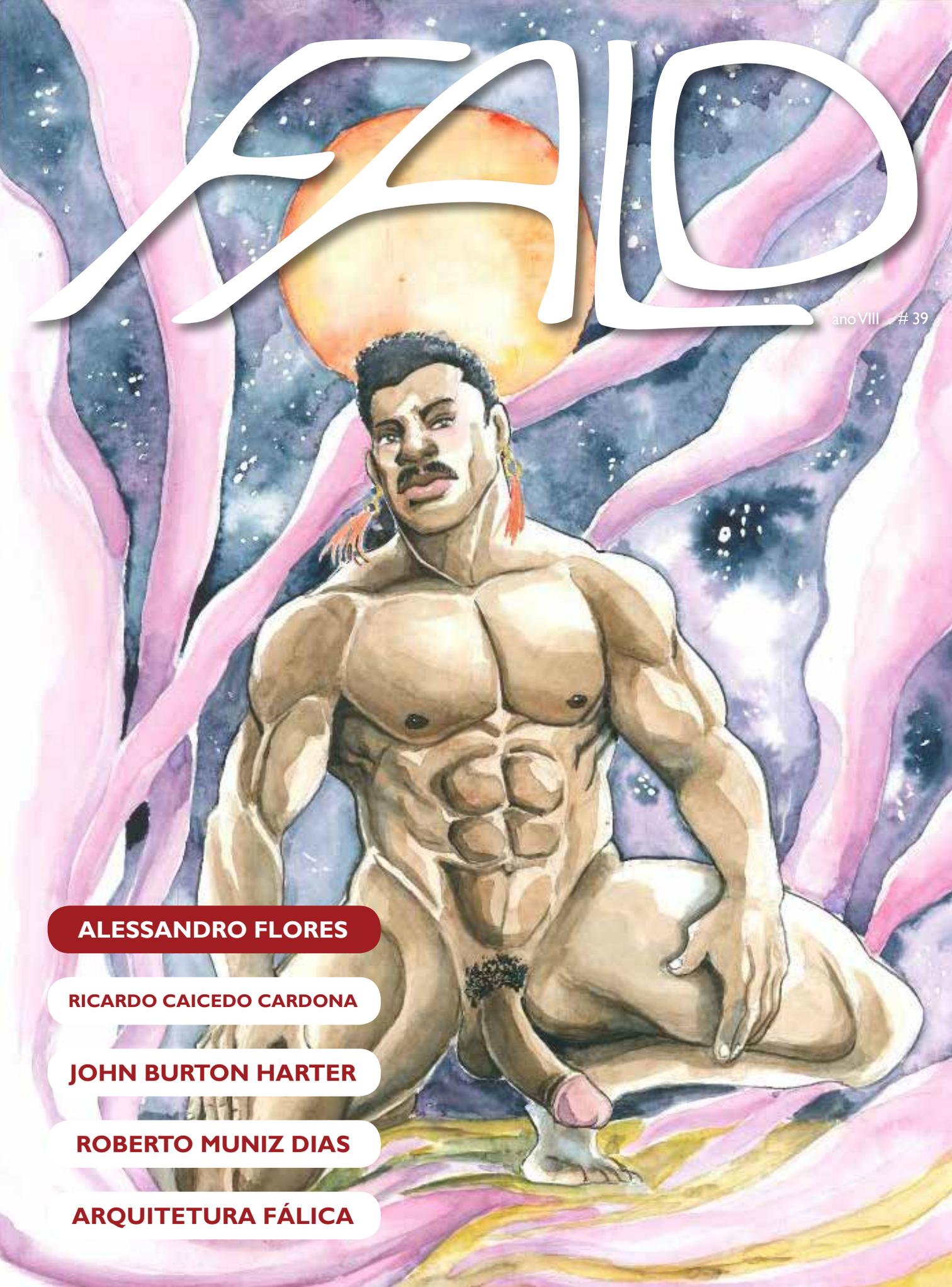


FAO

ano VIII # 39



ALESSANDRO FLORES

RICARDO CAICEDO CARDONA

JOHN BURTON HARTER

ROBERTO MUNIZ DIAS

ARQUITETURA FÁLICA

FALO® é uma publicação bimestral.
setembro 2025.
ISSN 2675-018X
versão 20.09.25

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.
site: Pedro Muraki

capa: *Energia astral*, aquarela sobre papel de Alessandro Flores, 2025.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRE PRODUTOS FALO

COLAB55

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



Sumário

ALESSANDRO FLORES 6

RICARDO CAICEDO CARDONA 20

FALO DE HISTÓRIA
John Burton Harter 38

FALO em FOCO
Roberto Muniz Dias 52

FALÓFORO 60

FALORRAGIA
Arquitetura fálica 66

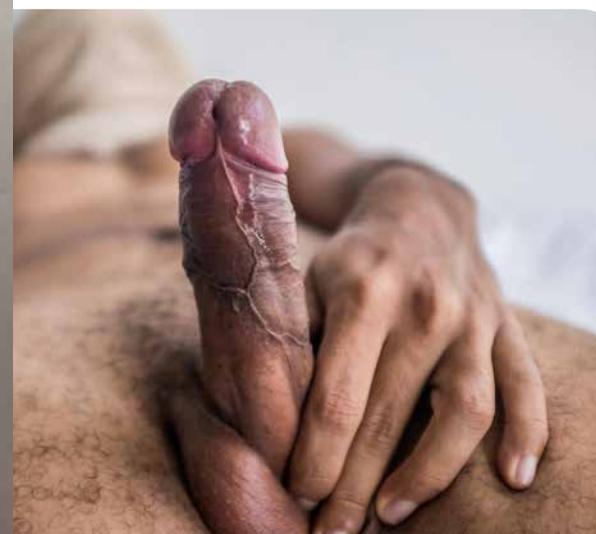
CONTOS DO FALO
Pesadelo 72

CRÔNICA FÁLICA
Nu, presença e delírio 74

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 76

FALO com VOCÊ 78

moNUmento 81



O que estamos construindo como subjetividade para a sociedade? **O** que estamos deixando de mudanças significativas para o futuro? São perguntas difíceis, mas que mereciam alguns minutos diários de cada um de nós. A perpetuação de sistemas falhos somente porque são hegemônicos tem nos causado dores imensas, muitas vezes fatais.

patriarcado mata.

racismo mata.

A LGBTfobia mata.

A religião mata.

neoliberalismo mata.

Por que mantemos essas estruturas? Por que não questionamos essas mortes? Por que aceitamos isso?

A Falo nasceu de uma inquietude no espaço da Arte que, na verdade, estava refletida em cada um desses itens. Fazer uma revista de nudez masculina que apresenta corpos diversos sem julgamentos, totalmente gratuita, é nadar contra uma tsunami de padrões, estereótipos e ignorâncias. É ser constantemente reduzido, visto como pervertido, como piada – mesmo tendo um selo científico, estando há mais de 7 anos nessa estrada e tendo alcançado mais de 90 países.

MUNDO MUDO MEDO



MUDE! MUDA? MUDO



Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Pouco antes de escrever este editorial, eu ouvi: “você é muito falocêntrico, só quer chocar”. Minha resposta imediata foi: “sou mesmo, porque depois do choque você vai naturalizar o pinto que, afinal, é só um pinto” (viva Julia Portella!). Apesar do silêncio após minha resposta, era possível ver nas expressões faciais que o engessamento de conceitos impedia que minha provocação fosse considerada. Se não fizermos algo hoje, agora, no presente, seremos todos petrificados. Ou mortos.

Por isso, nesta edição, eu mantenho a proposta essencial de ir além do status quo. Tem artista preto na capa, tem fotógrafo latino literalmente sem voz, tem poesia virando imagem, tem até a arquitetura influenciada pelas construções sociais.

Espero que o conhecimento liberte, que a visibilidade liberte.

Questione-se.

Filipe Chagas
criador e editor



O fascínio pela figura humana sempre foi uma certeza na trajetória de **Alessandro Flores**, tanto artística quanto pessoal, já que funcionou como uma “saída do armário” quando sua família descobriu seus desenhos. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade de Pelotas, o artista produz ilustrações, gravuras e quadrinhos, tendo a aquarela como principal linguagem técnica pelo processo de pintura em camadas que lhe oferece transparência e liberdade (“de início utilizava aguadas com tintas acrílicas, mas não eram possíveis de serem corrigidas”).

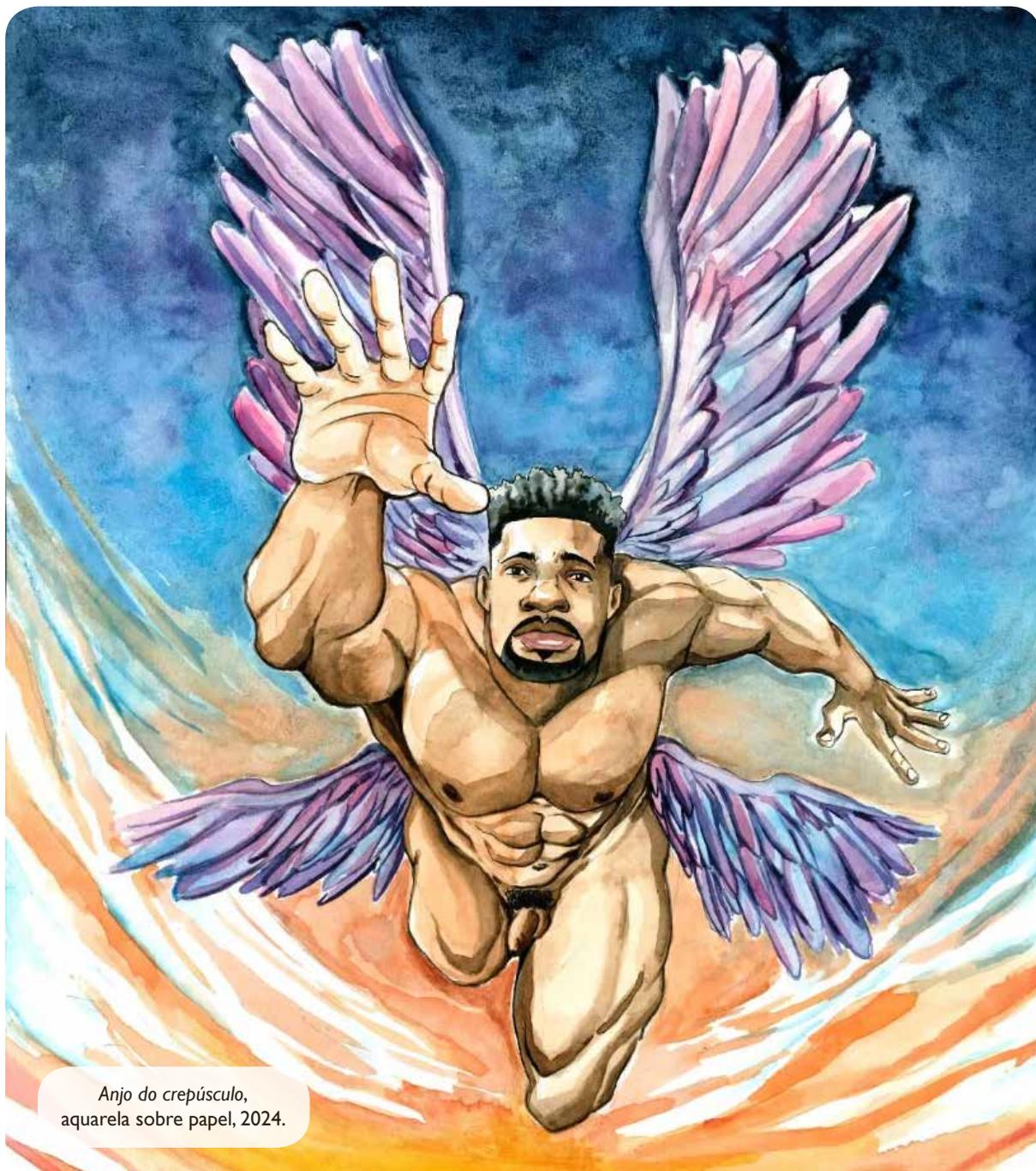
Alessandro Flores

por Filipe Chagas

A'ZZ

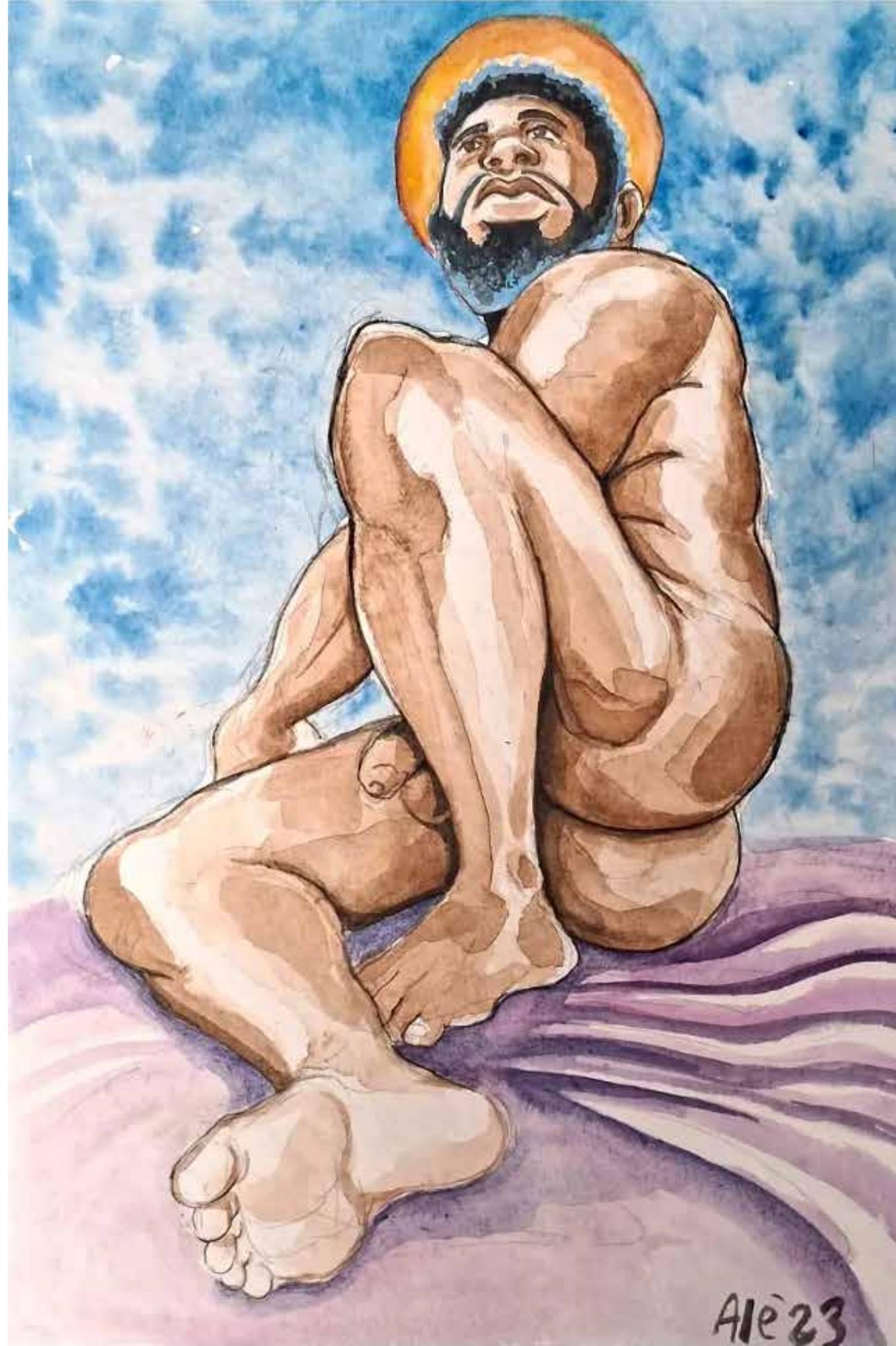
Com influências de artistas contemporâneos (como Alson Castro, Félix D'Eon e Blake Gildaphish) e artistas de mangá (como Hiroriko Araki e Yoshikata Amano) e bara (mangá gay), Alessandro vasculha a internet em busca de poses de referência para seus esboços. Notando a quase onipresença de modelos brancos com um padrão estético, decidiu “enegrecer” [sic*] as figuras.

Me reconheci como artista a partir do momento que comecei a fazer leituras sobre questões raciais. Foi uma abertura de olhos necessária, pois, até então, não estava vendo resultado dentro do que eu estava propondo. Não sabia pra onde ir.



Anjo do crepúsculo,
aquarela sobre papel, 2024.

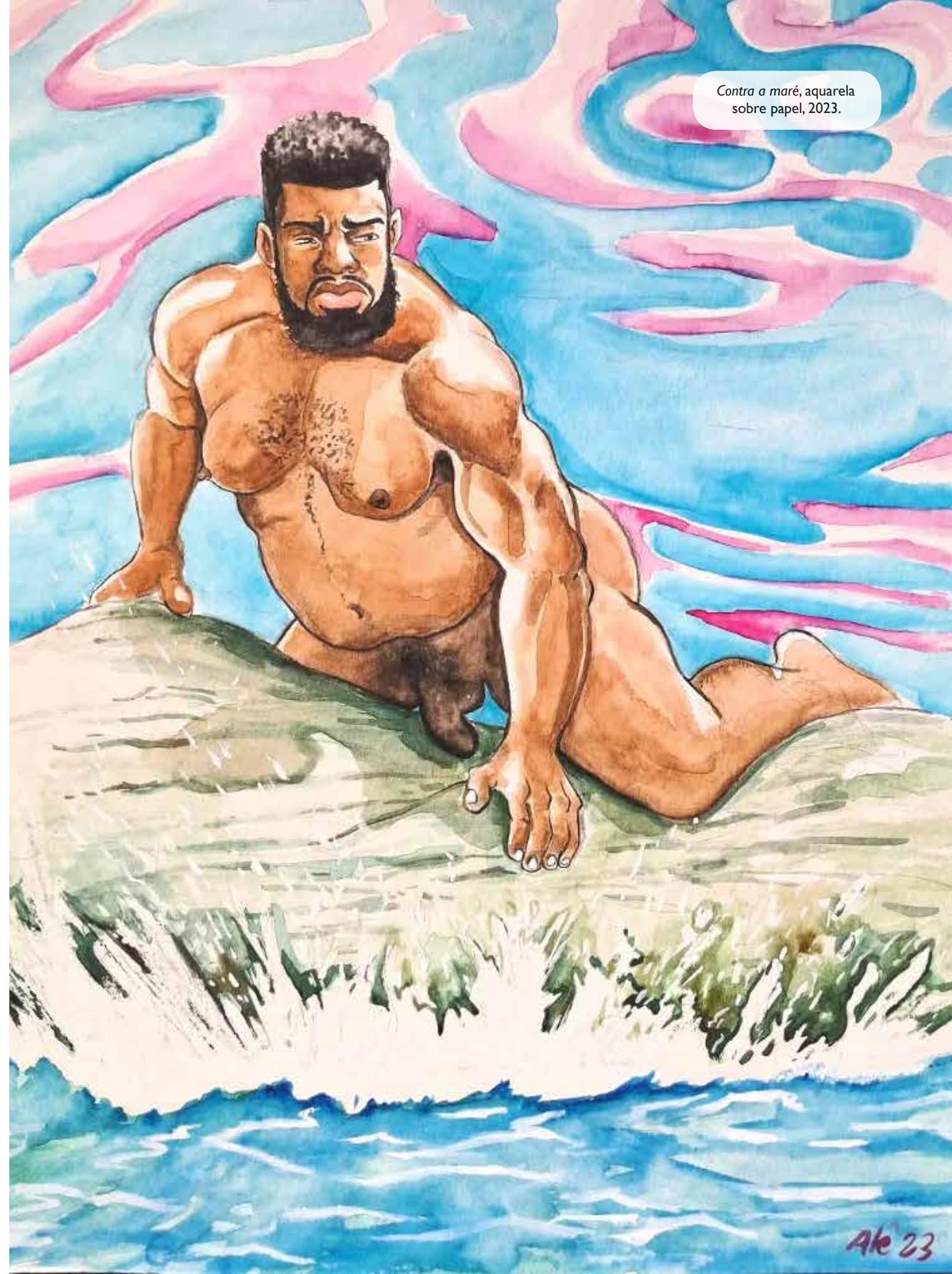
* O advérbio latino sic (por extenso: sic erat scriptum), expressão traduzida como “assim estava escrito”, é uma marcação feita em uma citação que foi transcrita exatamente como encontrada no texto de origem.



Alé 23



Exu, aquarela sobre papel, 2024.

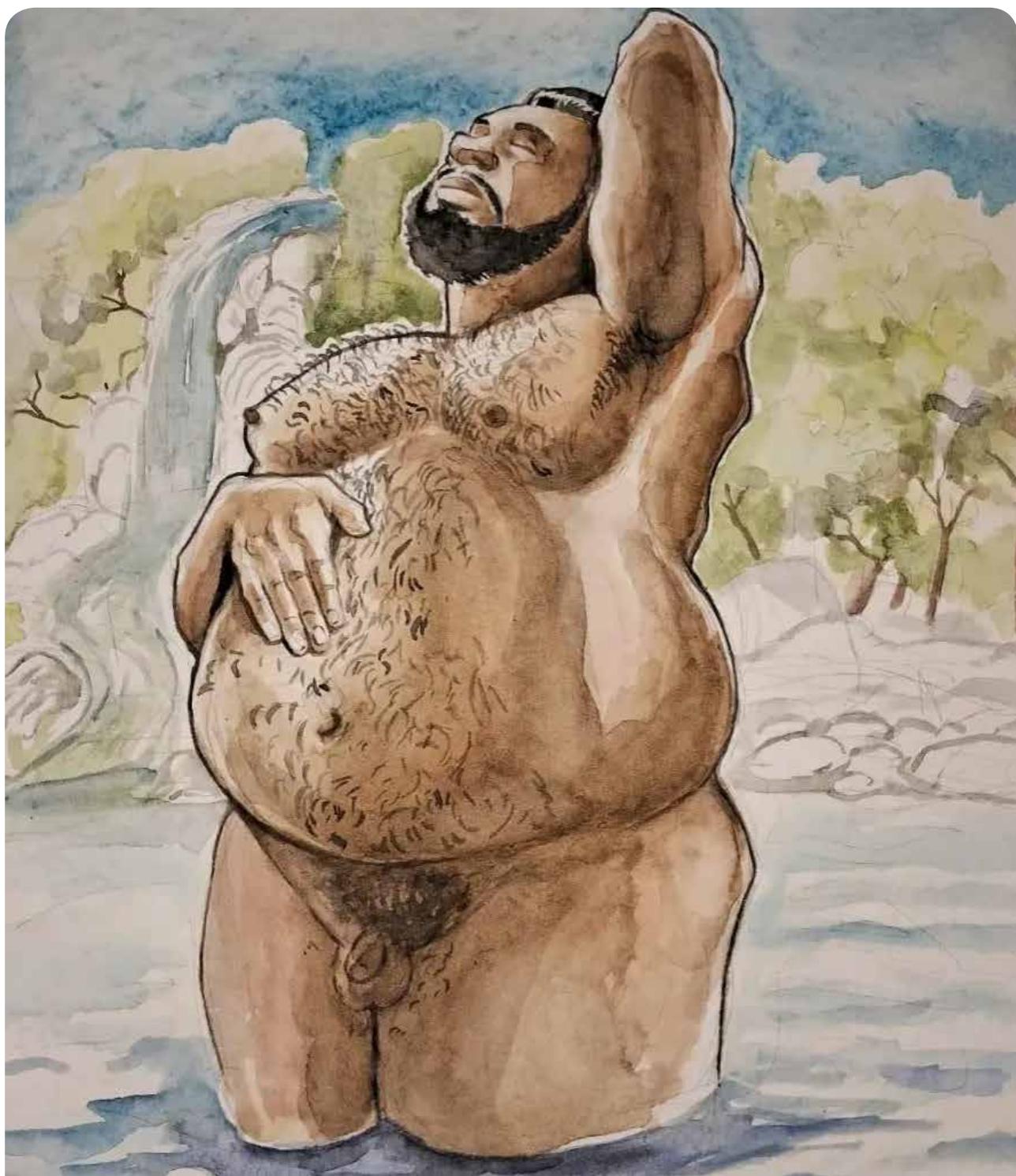


Contra a maré, aquarela sobre papel, 2023.

Alc 23

Mostrar o corpo preto se tornou uma questão de representatividade e, ao inseri-lo no contexto erótico, um aspecto de sua identidade (“uma maneira de me enxergar nestas formas”). A nudez torna-se relevante para ir além da mera fetichização: é um registro do desejo e da composição que o artista quer criar.

Gosto muito da região pélvica no ângulo que podemos ver o pênis, o ânus e a sola dos pés juntos. É uma região hipnótica. Se retrato um pênis ereto, quero mostrar vida pulsante. Sem ereção, tiro o pênis do foco e o espectador circula por outros ambientes da representação.

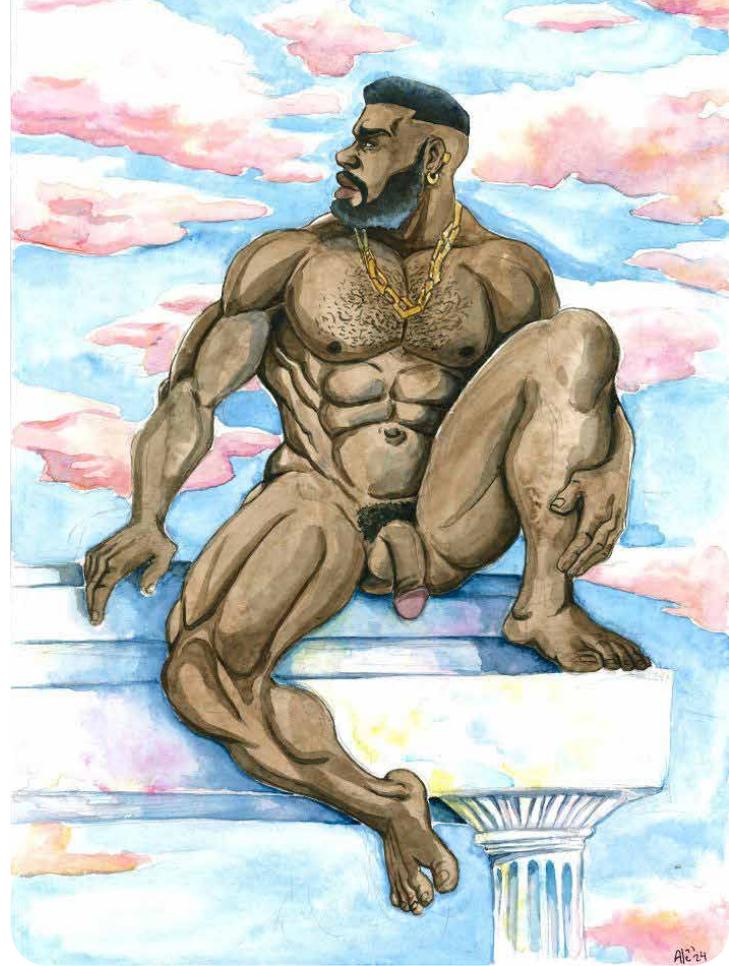
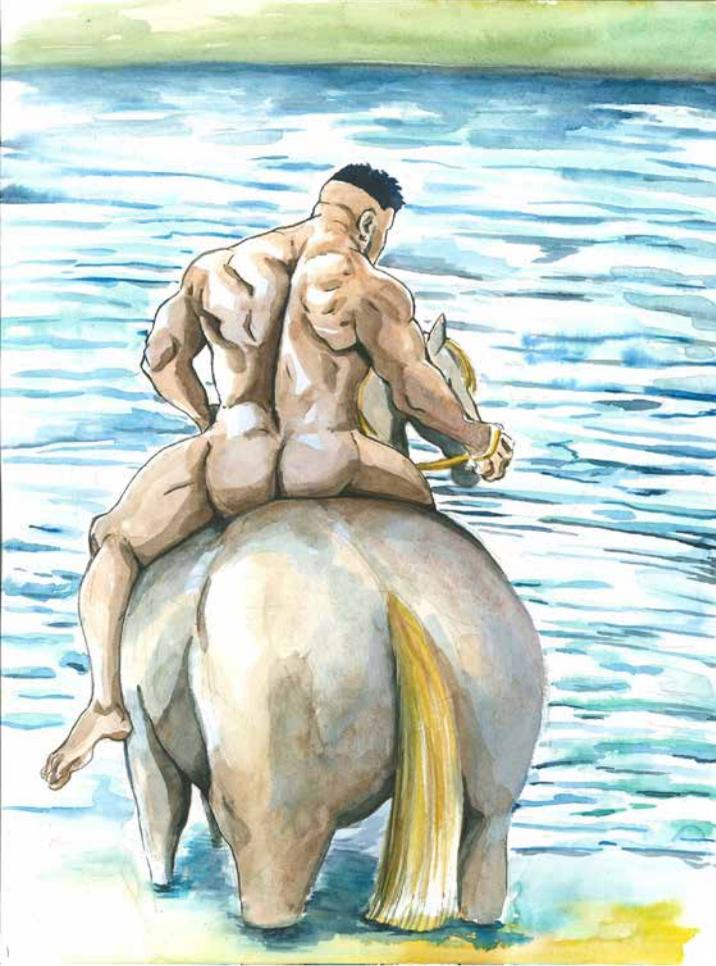




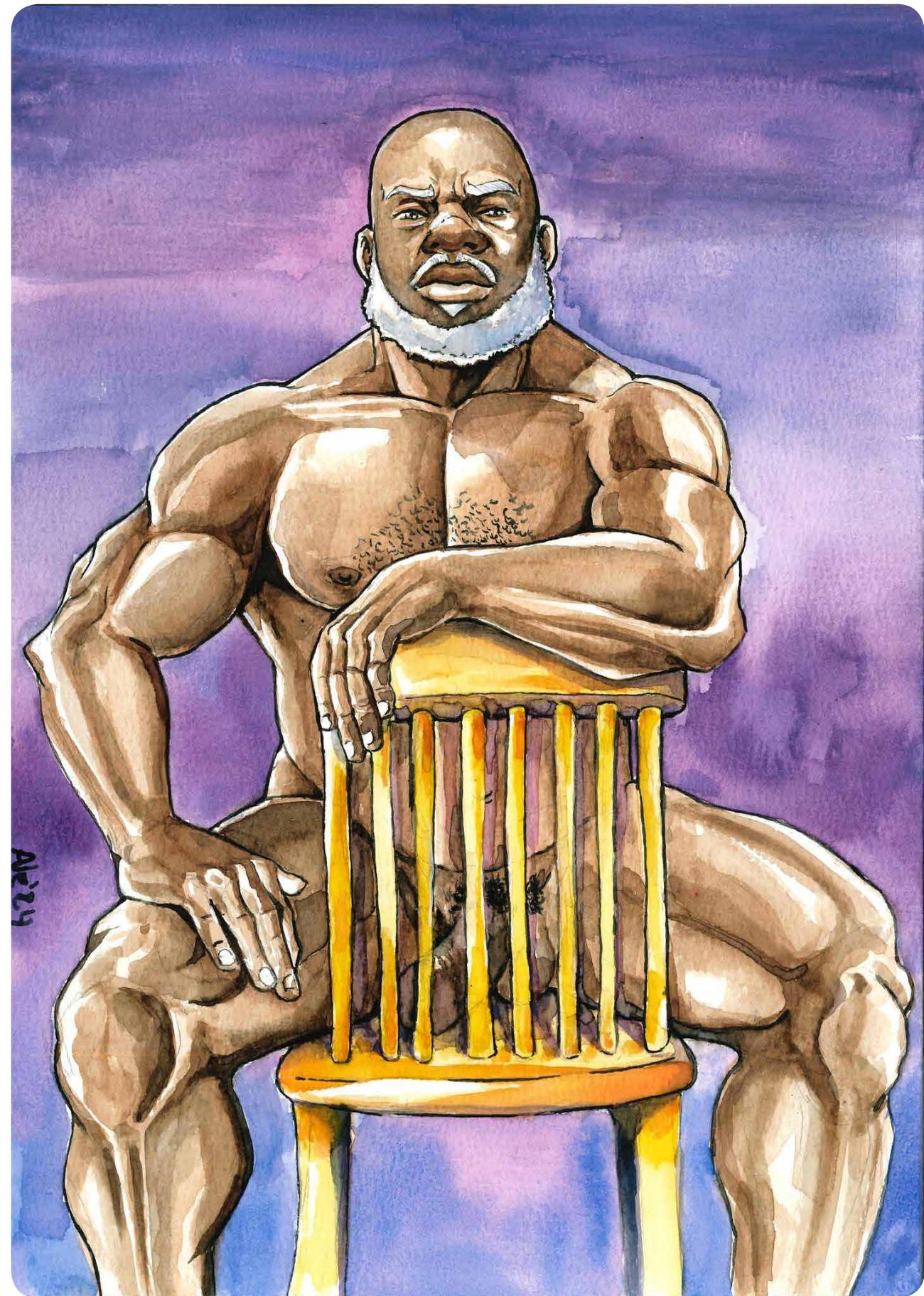
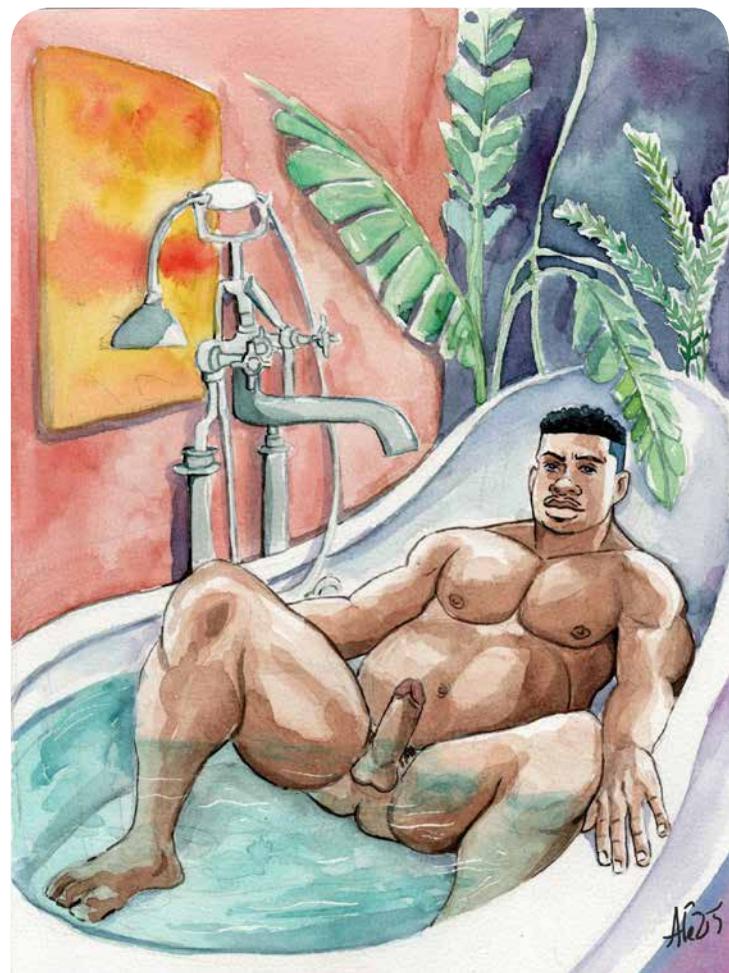
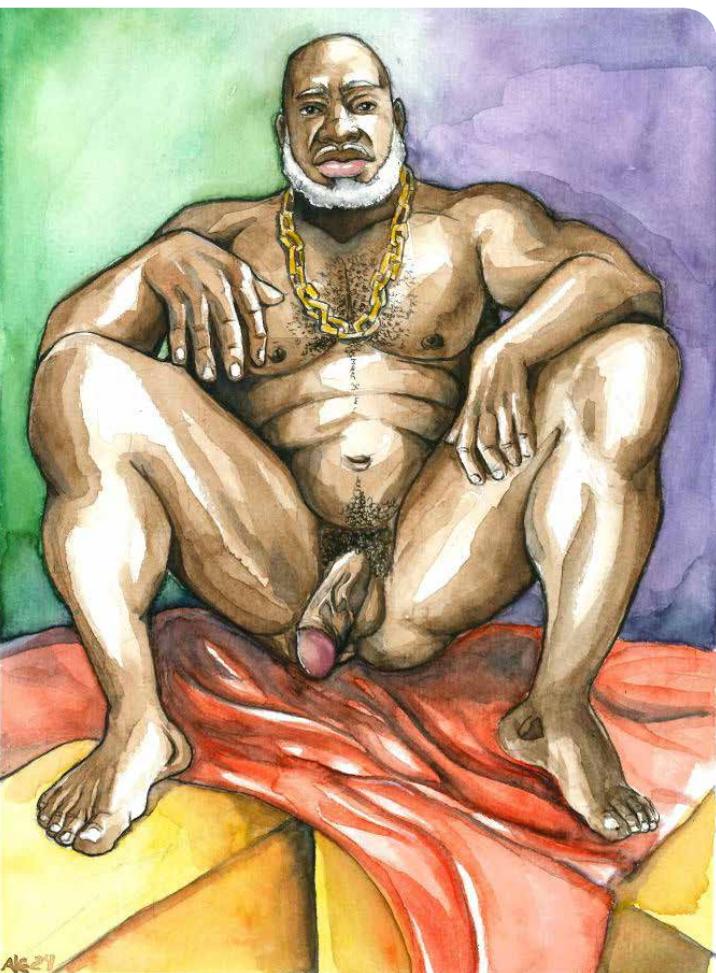
Darren Aesthetic III, aquarela e nanquim sobre papel, 2023.



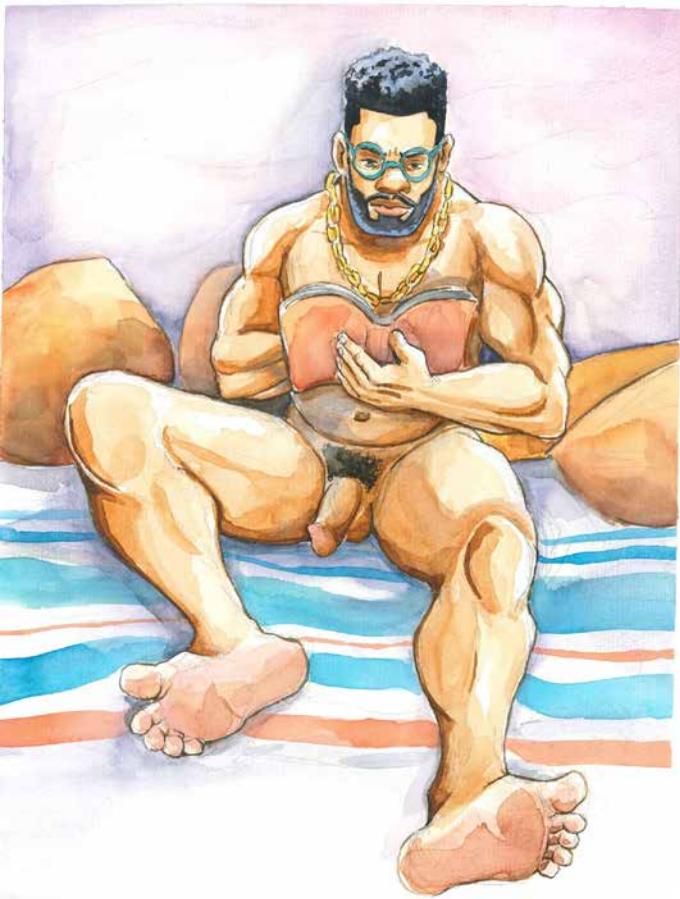
Daddy na cama, aquarela e nanquim sobre papel, 2024.



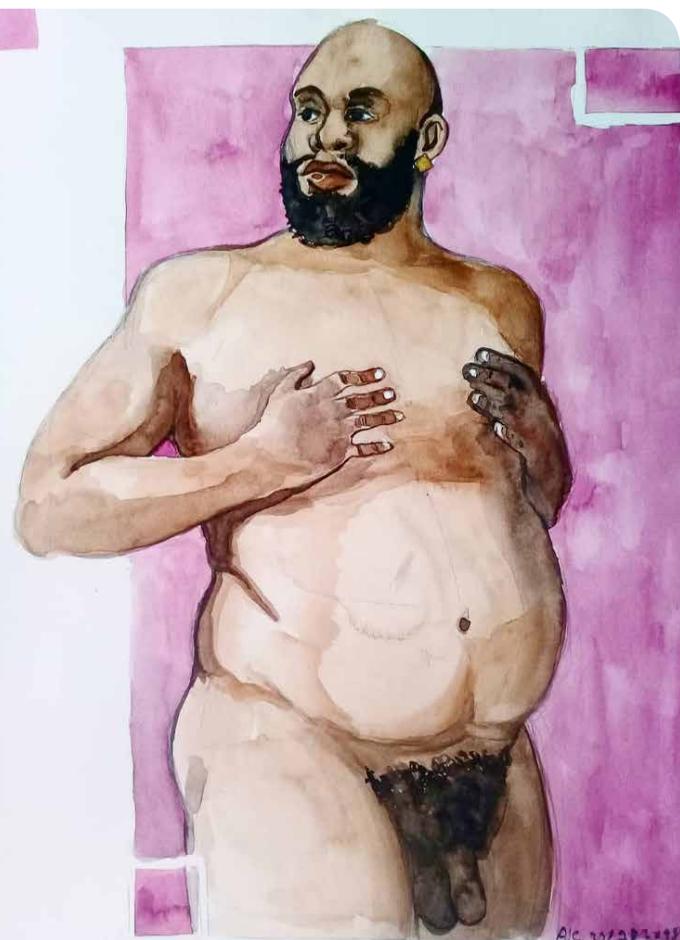
Acima: Travessia (2025) e Garanhão entre nuvens (2024).
Abaixo: Daddy com toalha (2024) e Banheira (2025). Todos em aquarela sobre papel.



Tio Josias na cadeira, aquarela e nanquim sobre papel, 2024.



Acima, *Leitor* (2024), e abaixo, *Cantor* (2018).
Ambos em aquarela sobre papel.



No entanto, Alessandro é afetado pela estrutura homofóbica e conservadora: já precisou retirar uma obra de uma exposição por ter ereção. Isso faz com que ele não veja muitas mudanças no processo de aceitação da nudez contemporânea na Arte.

Parece que a heteronormatividade se contradiz: uma hora coloca o pau como instrumento de poder; na outra oculta e oprime o indivíduo que quer ter direito sobre o seu desejo. A violência que deveria ter mais restrições é mais aceita. Deveria se ter mais consciência sobre opressões nas camadas mais populares e que são maioria no país ao invés de não poder expressar o que se ama. Ainda temos um longo caminho a percorrer.

Isso não impede Alessandro de querer estar em exposições sem censura de seu conteúdo. Hoje visa a área da educação sem parar de insistir em mostrar quem é e que o corpo preto é protagonista de sua história. **8=D**



Alessandro produzindo o autorretrato *Pulp Fiction* (2024) em pastel oleoso.



Cirurgia plástica para você.



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

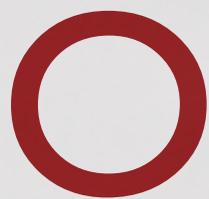
alcemarmaiasouto@gmail.com



Ricardo Caicedo Cardona

por Filipe Chagas

PITCHFOTOS



Os textos que escrevo para a revista são criados a partir de respostas dos artistas para perguntas sobre o processo artístico-criativo deles. Ao longo

desses anos, tive dois casos nos quais entendi que o texto deveria ter a voz daqueles que criam e não a minha – na edição 16 somente com artistas mulheres e na edição especial TransFalo somente com artistas trans e não-binários. Aqui faço o mesmo com **Ricardo Caicedo Cardona** que, por conta de uma laringectomia, possui dificuldades de fala. Então, leiam sobre a produção fotográfica de Ricardo em suas próprias palavras.

Sou o terceiro de quatro irmãos de uma família mestiça, de classe média e católica, de Cali, na Colômbia, onde moro atualmente. Aos 8 anos, ingressei nas atividades artísticas da escola onde estudava – um ambiente hostil e pouco educativo pra mim – e nos escoteiros, onde tive meus primeiros contatos com a política, a estética e a relação com a diversidade ambiental e social.

Na década de 1990, após cursar Comunicação Social, desenvolvi um interesse crescente em treinamento midiático sob uma perspectiva de educação popular. Isso marcou o início de questionamentos sobre o papel das imagens na formação de imaginários, o que deu origem a um estudo mais aprofundado da semiótica da imagem e do poder da fotografia, não apenas como documento ou prática social, mas como meio para desconstruir aspectos naturalizados da cultura. Após os estudos em Cuba sobre *Semiótica da Imagem* em 2000, iniciei o desenvolvimento da fotografia como técnica e do corpo como sujeito de pesquisa.

Particpei da criação do jornal estudantil *El Clavo (O Prego)*, na Pontifícia Universidade Javeriana de Cali. Sinto que tive muito a ver com a escolha desse nome um tanto “fálico”, que alude a uma forma particular de exercer pressão por transformação social. Esse nome, em última análise, aludiu a uma ferramenta usada para apunhalar e/ou construir.

Trabalhei em uma universidade jesuíta, onde tive abertura ideológica suficiente para refletir sobre o papel do corpo na construção da consciência estética. Comecei, então, a propor exercícios de fotografia com nudez nas oficinas que ministrava na universidade. Longe de ser uma cruzada em prol do naturismo, entendi que meu projeto deveria ter uma leitura crítica da sociedade em crise que reproduz um contexto de guerra falocêntrica e violência racial, sexual e de gênero.





Esse contexto me motivou a questionar meu próprio corpo e meu lugar na sociedade. Comecei um exercício silencioso de auto-homoerotismo para reconhecer meu corpo como um instrumento de provocação crítica contra a sociedade. Fundamentado em estudos visuais e em pensadores das teorias sociais e desconstrutivistas, desenvolvi uma proposta decolonial, um contra-arquivo de olhares heteropatriarcais através de imagens que se engajam na disputa pela política e poética do olhar, destacando as feridas da masculinidade que geraram processos de racialização, capacitismo e estética fitness.

Passei a concentrar meu trabalho nos corpos nus de homens diversos, tornando visíveis as marcas físicas, históricas e simbólicas da violência machista, e também expondo a potência corporal para regeneração e resistência. Ao inverter a lógica de objetificação do corpo feminino para não repetir os padrões sexistas encontrados nos ambientes heterossexualizadores, retiro os papéis dominantes que a masculinidade hegemônica exerce e devolvo a sensualidade e a vulnerabilidade que aos homens foram proibidas.





Para a minha poesia, o corpo inteiro é um texto que preciso decifrar, para além do pênis como protagonista. A nudez foi atrelada ao sexo, e o sexo foi reduzido aos genitais. Por isso, assumo o desafio de focar em outras zonas erógenas capazes de trazer maiores reflexões sobre autoimagem e preconceitos culturais em relação à dissidência sexual e de gênero. Assim, proponho que o pênis, em sua versatilidade, seja sugestionado ou, caso seja exposto, que tenha elaboração estética. Por exemplo, uma ereção, pra mim, é uma emoção que deve ser respeitada e admirada como uma demonstração de sensibilidade masculina. Com isso, ganha consciência política e deixa de ser uma mera erotização.





Apesar de trabalhar com fotografia digital – já explorei a fotografia subaquática e gosto muito de pintura com luz – não me considero um fotógrafo convencional: sou mais um teórico da comunicação visual, um ativista da imagem, que cria discursos por meio da fotografia, dando mais importância aos processos sociais e de transformação pessoal que ela pode gerar do que aos seus aspectos técnicos.

Portanto, não faço um trabalho extenso de pré-produção, nem disponho de equipamentos convencionais de estúdio. Adapto-me aos espaços propostos pelos interessados. São eles que atribuem um valor monetário à proposta e assinam um termo de consentimento livre e esclarecido para o exercício.

Considero minhas sessões um ritual consciente e sagrado. É um encontro único, onde a improvisação criativa é uma espécie de deriva homoerótica, uma performance que pode emergir de histórias pessoais ou de processos dolorosos. Muitos o fazem apenas para se conhecer, outros para se fazerem conhecidos ou ainda para deixar uma marca em ambientes digitais. Mesmo sem ter voz – por causa de uma laringectomia que me impede de falar – as poses são uma construção conjunta que respeita os limites impostos pelos modelos. Por conta da nudez, tenho sempre em mente a quarta parede, que como fotógrafo não quebro, ou seja, não toco no modelo a menos que seja absolutamente necessário.

Nunca trabalhei com modelos profissionais e raramente trabalho com modelos cujos corpos são moldados pela academia ou cirurgia plástica. Procuro romper com a estética hegemônica, apresentando corpos mais comuns, aqueles que circulam na rua, aqueles sem grandes aspirações na indústria da sexualidade gay masculina.



As imagens resultantes são um gatilho que transforma a maneira como os modelos se percebem no tempo e no espaço. Trabalhei com centenas de homens da Colômbia, do Brasil e do México. Quando um dos modelos adoece ou morre, lembro-me da natureza transcendental e espiritual da fotografia.

Hoje em dia, com a superprodução de imagens, fica cada vez mais difícil identificar os limites entre uma foto artística, cujo foco é o pênis, e a pornografia que busca apenas dinheiro, curtidas e interações. Por essa razão, ainda não vejo a nudez sendo mais aceita como objeto de arte, mas sim como um produto de consumo regular.

Continuo enfrentando o pânico social desencadeado por questionamentos sobre o corpo masculino, os papéis de gênero e o lugar do homem em uma era de crise civilizacional e degradação ambiental. Mas quero amadurecer meu projeto para poder vinculá-lo a processos culturais cada vez mais evidentes em meu país. Quero ser mais enfático em questões sociais urgentes atravessadas pela inteligência artificial e o neoconservadorismo. Quero dialogar com outros fotógrafos que sejam capazes de ir além do mero resultado estético de belos pênis para conectá-los à realidade que demonstra que a imagem banal de uma ereção pode ter consequências conceituais valiosas para este momento da humanidade.

Se você é um desses artistas, não transforme o pênis em uma religião ou em um deus indiferente ao contexto social cada vez mais complexo. Dê significado histórico a corpos que travam as grandes batalhas. **8=D**

Tirando a dúvida sobre minha condição: em 2017, sofri de disfonia crônica, que poderia estar associada a refluxo e úlceras gástricas crônicas que se desenvolveram devido a maus hábitos alimentares. No início de 2018, após uma laringoscopia das cordas vocais, fui diagnosticado com um tumor maligno na corda vocal esquerda. Após um tratamento conservador com radioterapia por um ano, realizei um novo exame de imagem que a disfonia retornou e a tomografia computadorizada identificou um tumor invasivo afetando toda a minha garganta. Foi preciso realizar uma cirurgia radical que envolveu a remoção da faringe, da laringe e muitos linfonodos do pescoço.

Atualmente, sou um paciente laringectomizado, e é por isso que vivo com uma traqueostomia permanente, através da qual respiro e ativo a válvula vocal para poder falar sem as cordas vocais. Sem um nariz funcional, os sentidos do paladar e do olfato perdem sua potência. Levantar os braços depende de âncoras musculares no pescoço; é uma operação simples, mas difícil para mim. Sinto dor ao tentar tirar uma camisa ou levantar o cotovelo para comer. Não conseguir gritar, assobiar, assoar, cuspir ou roncar faz parte dessas mudanças, com as quais gradualmente me conformei. Durante os momentos tristes da vida ou dos filmes, não sinto mais um nó na garganta, porque literalmente não tenho uma. Em outras palavras, preciso expressar minhas emoções de outras maneiras. Como uma amiga me ensinou, grande parte do meu corpo ainda sobrevive, especialmente minha capacidade de pensar e sentir. Meu olhar certamente continuará tendo algo a dizer ao mundo.



APRESENTAMOS

GALLERIST

NOSSO PROPÓSITO É CRIAR UMA PLATAFORMA QUE AJUDE A PROMOVER ARTISTAS INDEPENDENTES, BEM COMO ORGANIZAÇÕES QUE FOMENTEM A IGUALDADE E DIGNIDADE DAS COMUNIDADES LGBTQIAPN+.

50% DOS LUCROS IRÃO PARA A CASA!



CONFIRA A COLEÇÃO JÁ DISPONÍVEL EM WWW.BEARKIN.COM.BR

BEARKIN'

MODA
R
T
COMUNIDADE

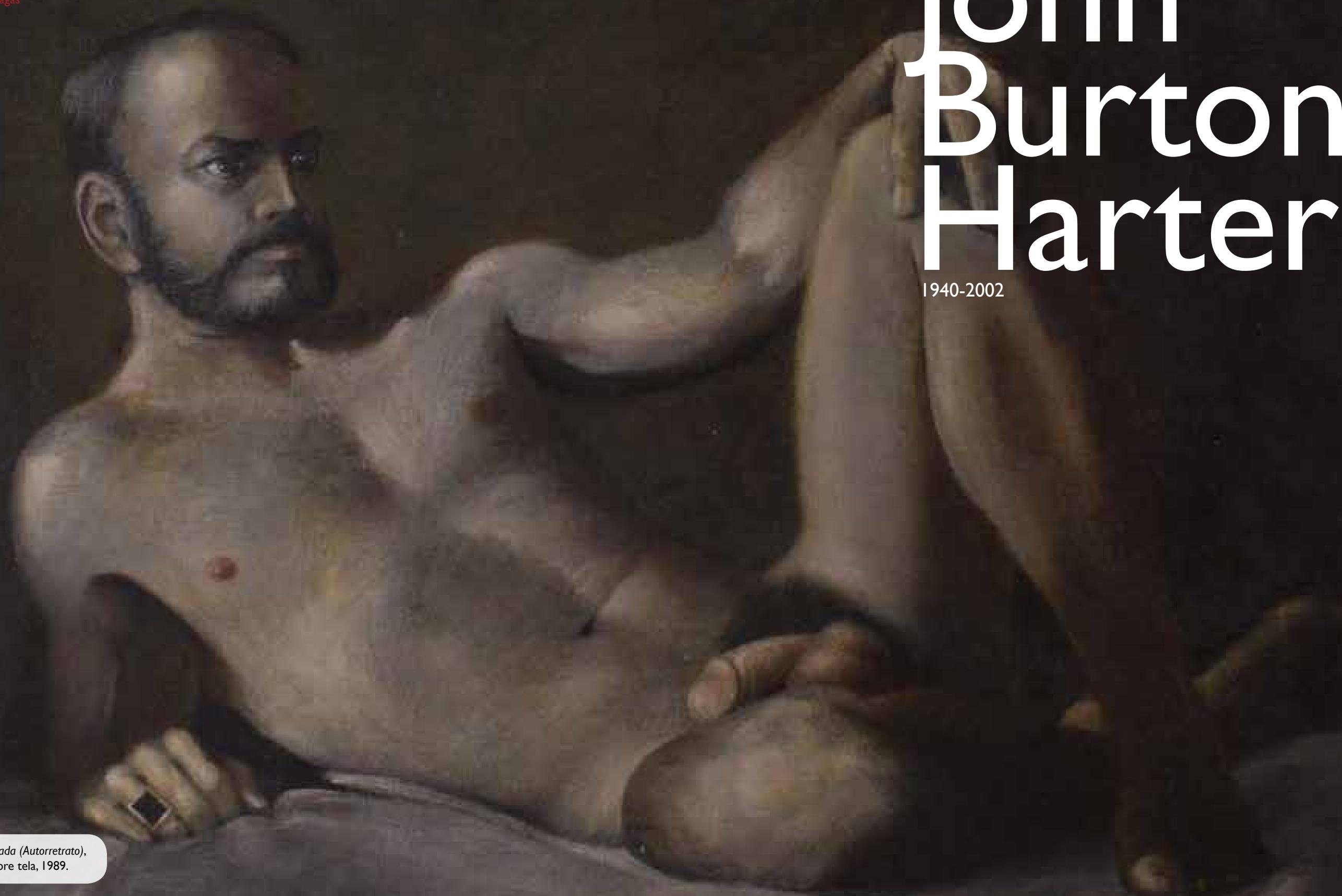
Falo de História

por Filipe Chagas

John Burton Harter

1940-2002

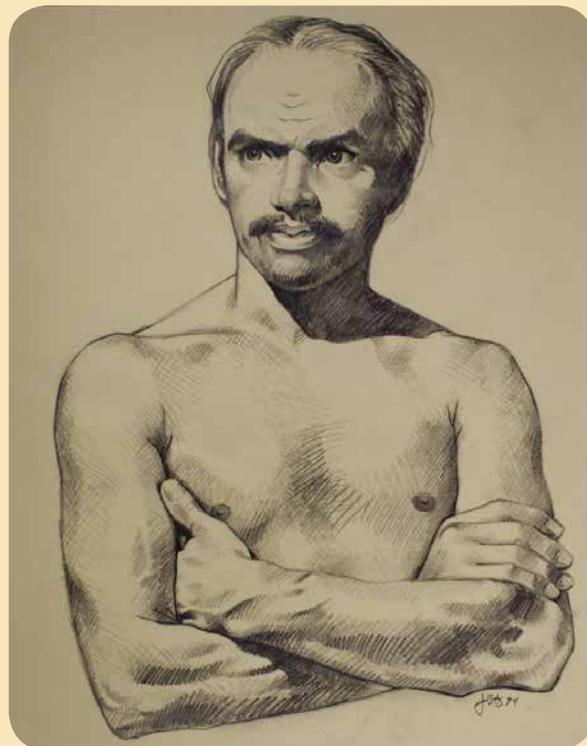
*Figura reclinada (Autorretrato),
óleo sobre tela, 1989.*



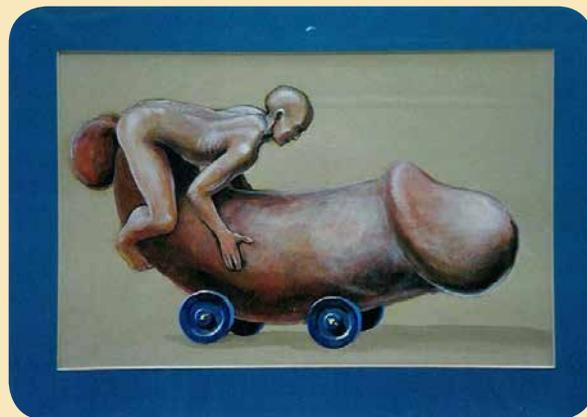
Nascido em Jackson, Mississippi, **John Burton Harter** (1940-2002) – conhecido como Burt pelos amigos – cresceu em Louisville, Kentucky, onde seu pai, Dr. John Harter, estabeleceu um consultório de cirurgia torácica. Interessado em antropologia, arqueologia e artes, formou-se em História da Arte (1963) e fez mestrado em pintura (1970). Embora já tivesse sido reconhecido como pintor de obras abstratas, naturezas-mortas e paisagens que refletiam as cores vibrantes do sudoeste americano, foi somente após a morte de sua mãe, em 1996, que começou a expor sua obra de cunho erótico.

Harter trabalhou como curador assistente no Museu Estadual da Louisiana em 1967 e ganhou reputação por sua atenção aos detalhes no cuidado com as belas artes. O museu o promoveu a curador e, em 1986, a diretor de coleções, supervisionando todo o acervo até sua aposentadoria em 1991. Nesse tempo, Harter começou sua prática artística em estúdio. Apoiando-se no classicismo, concentrou-se no corpo masculino e produziu pinturas e desenhos que frequentemente refletiam suas explorações como um homem gay.

O desenvolvimento da minha arte acompanhou minha exploração homoerótica e, à medida que descobria aspectos do mundo gay, os incorporei às minhas pinturas e desenhos. Minha tradução do mundo gay para a imagem, para a arte, definiu o que eu estava aprendendo para mim mesmo, e cada um – arte e estilo de vida – tornou-se parte do outro.

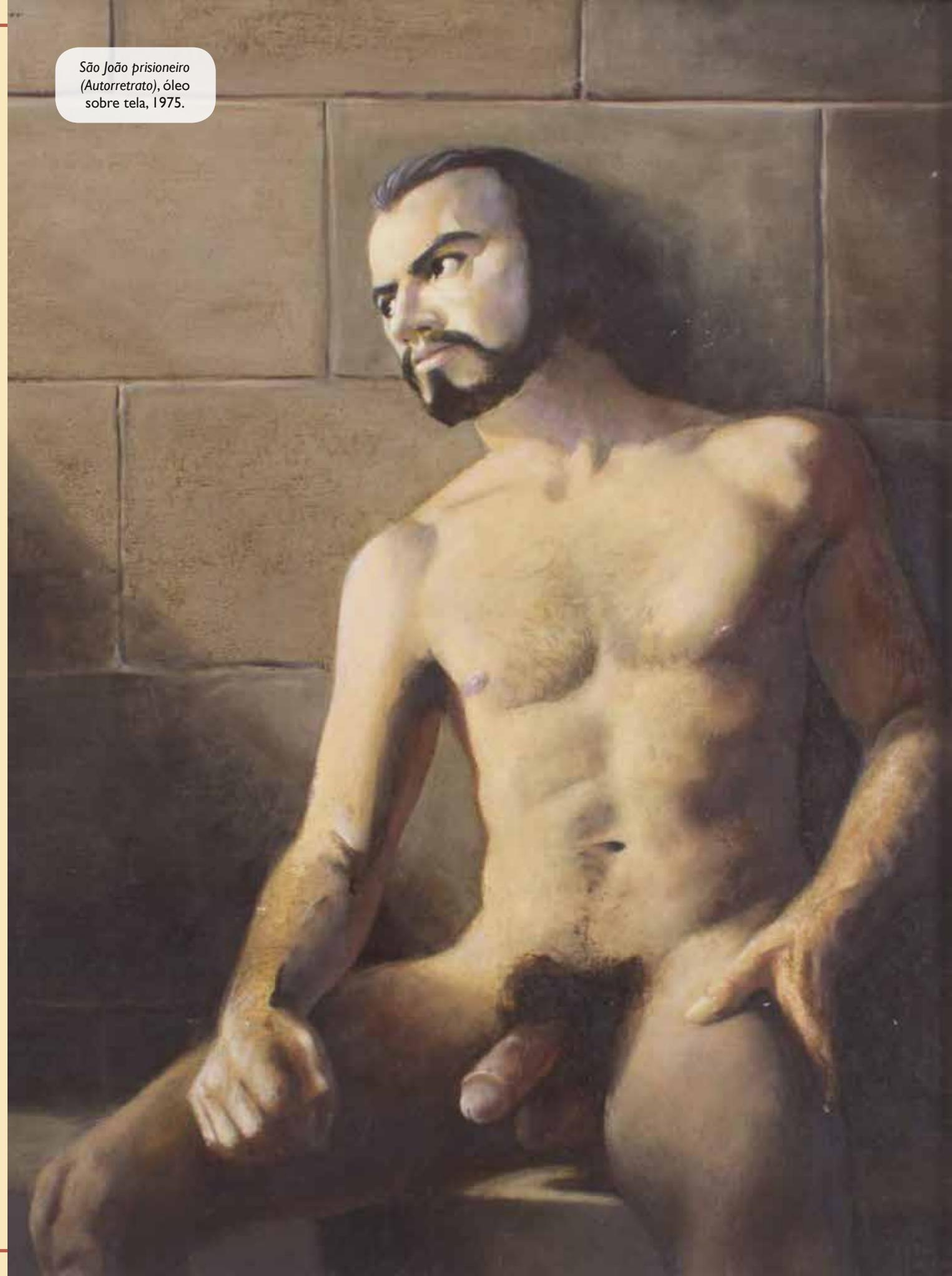


Autorretrato em grafite, 1974.

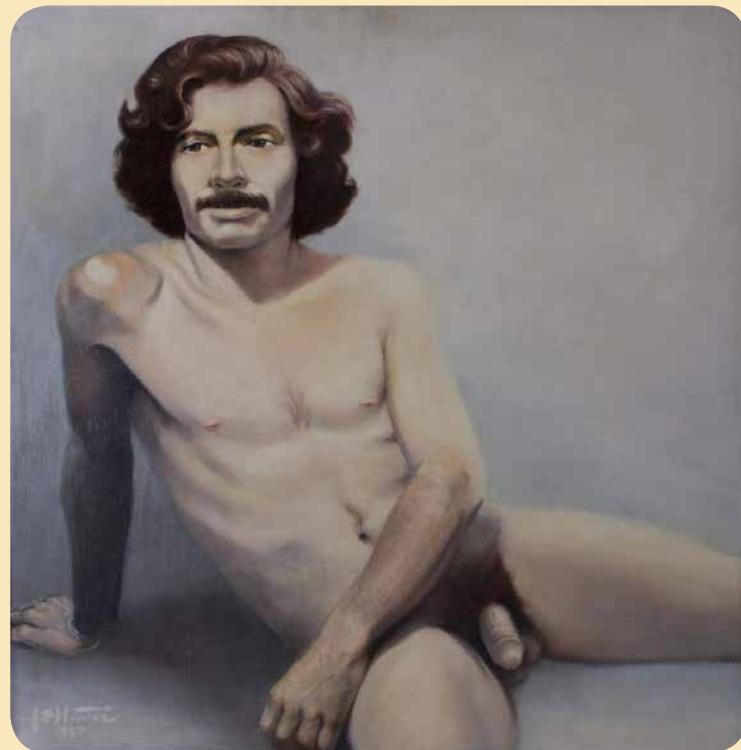


Pau sobre rodas (acrílica sobre cartão, 1970) e Surpresa (desenho à nanquim, 1972).

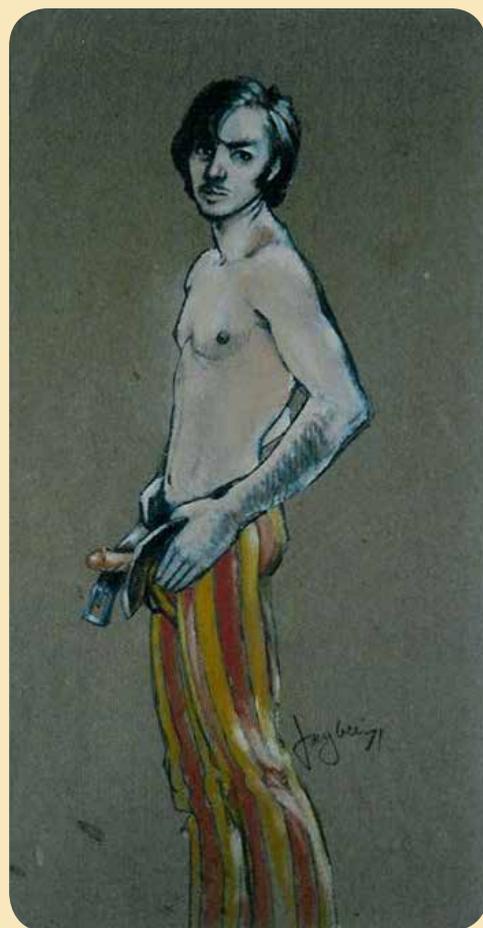
São João prisioneiro (Autorretrato), óleo sobre tela, 1975.



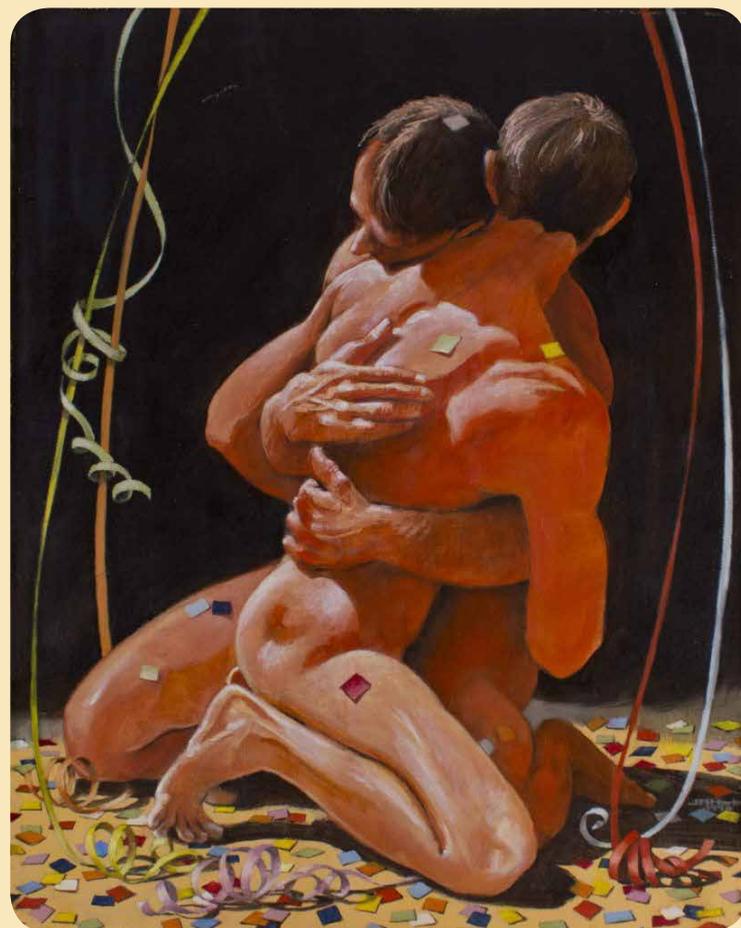
Ele creditou a Paul Cadmus (1904-1999) o estabelecimento de um clima artístico que o motivou a explorar o nu masculino e as relações entre homens na arte. Sua obra variava do fraternal ao afetuoso e ao erótico, enquanto suas pinturas de paisagens transmitiam um clima frequentemente poderoso e solitário. Também pintou naturezas-mortas em rigorosos estudos de textura, cor e forma e criou gravuras, litografias e xilogravuras em seus primeiros anos. Harter frequentemente tirava fotografias para usar como inspiração para pinturas e tomava emprestado elementos para criar composições.



42



Hippie sexy, técnica mista sobre cartão, 1971.



Sherman nu (1979) e *Celebração* (1994), ambos em óleo sobre tela.

43



Trompe l'oeil (Autorretrato), óleo sobre tela, 1976.

Figura em pé
(Autorretrato), óleo
sobre cartão, 1979.



Angústia
(Autorretrato), óleo
sobre tela, 1981.



Sua própria imagem permaneceu um tema frequente ao longo de sua vida. Logo após finalizar seu mestrado, já com 30 anos, começou a explorar a juventude e as proporções clássicas idealizadas da figura masculina através

de autorretratos. Acabou por criar mais de 60 autorretratos que atestam não apenas sua habilidade em representar o físico masculino, mas também sua capacidade de canalizar expressões e incorporar nuances simbólicas, que refletiam

a dicotomia entre ser aberto sobre sua sexualidade e permanecer recluso. Representou a si mesmo como arquétipos de masculinidade e da sexualidade para revelar os muitos indivíduos que compõem uma identidade cultural. À medida que se consolidava como artista, começou a lidar com a perda de sua própria juventude e com a passagem do tempo.

Em *En Garde* (óleo sobre tela, 1997), Harter se pinta nu segurando delicadamente um dente-de-leão. Em vez dos esporos flutuando, ele retrata a flor em plena floração, como se sugerisse uma plena aceitação de sua aparência envelhecida.

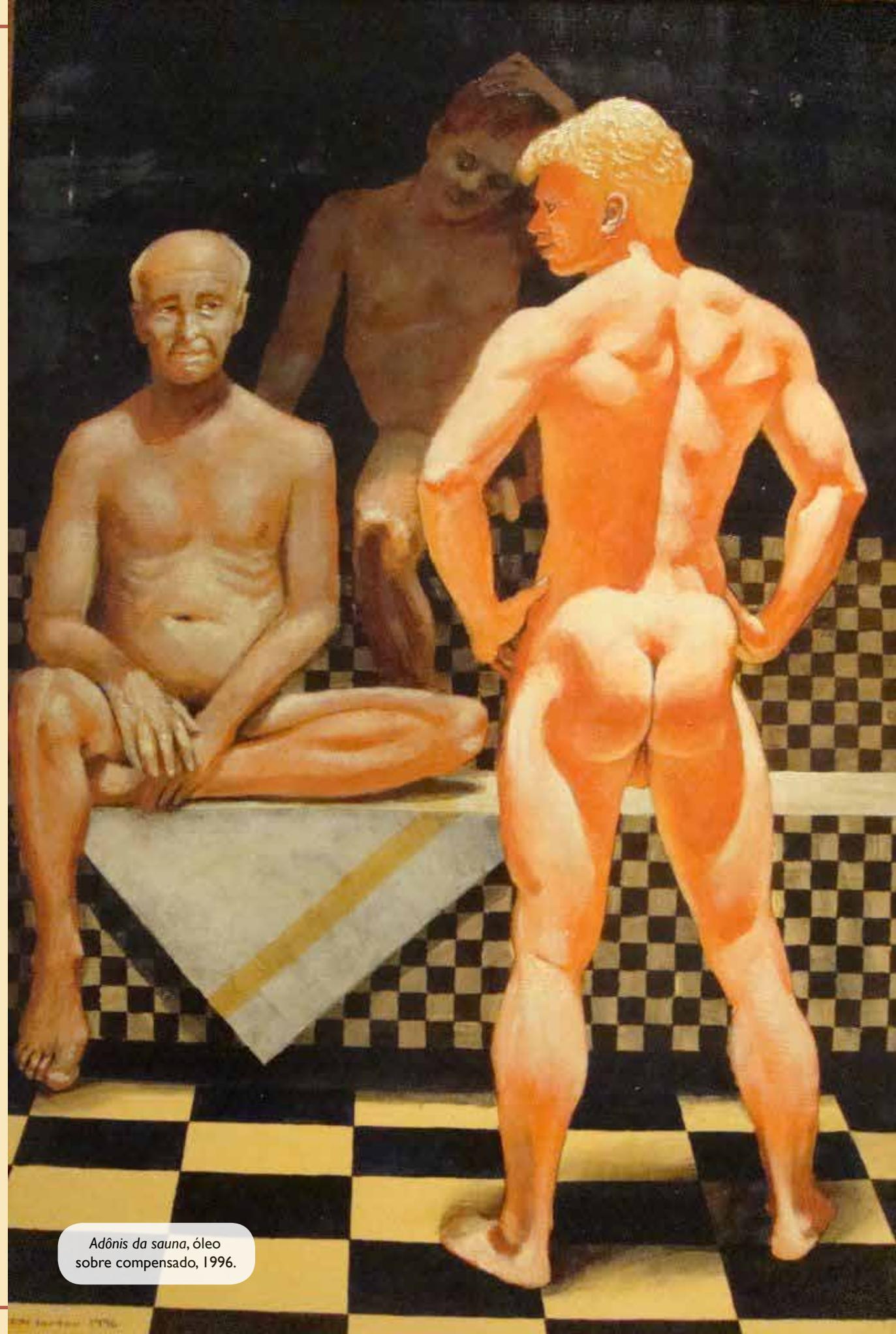
Após a aposentadoria, Harter se dedicou à arte em tempo integral e viajou pelo mundo em busca de temas interessantes para fotografar e pintar. Após a publicação de uma coleção de pinturas e desenhos intitulada *Encontros com o Homem Nu*, em 1997, ele escreveu:

Tenho produzido obras de arte com cunho gay há quase trinta anos, a maioria das quais quase ninguém viu.

Estampa de pênis (óleo e acrílica sobre cartão, 1995), Aborigene (acrílico sobre tela, 1994) e Estudo em Mogno (óleo sobre tela, 1994).

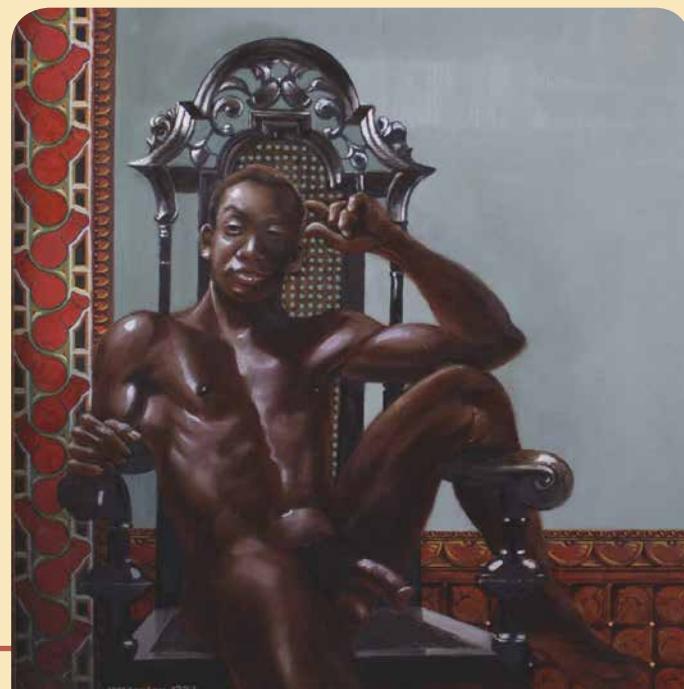
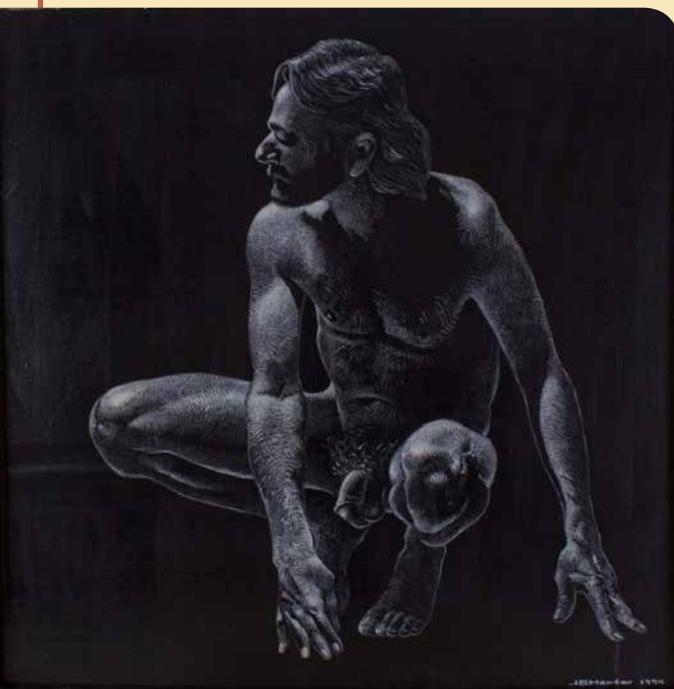


46



47

Adônis da sauna, óleo sobre compensado, 1996.



Monumento, óleo sobre tela, 2001.

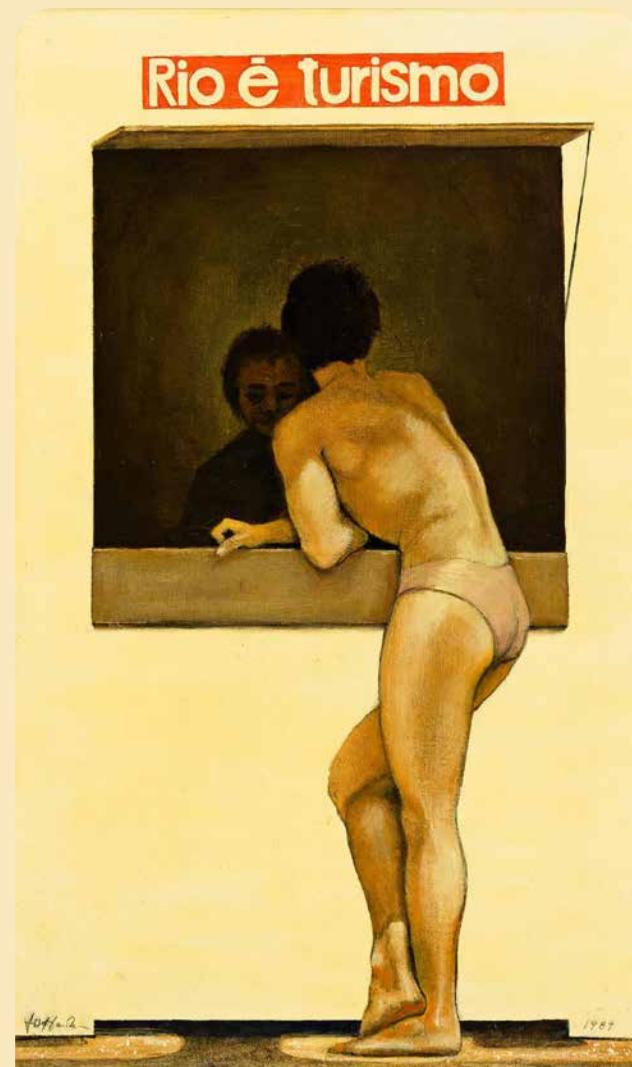


Através da obra de Harter, é possível ver uma rica documentação da experiência gay. De 1992 a 2001, Harter criou o Muro da AIDS, uma homenagem com retratos de amigos e pessoas que ele admirava que morreram de complicações relacionadas à AIDS ou que viviam com HIV.

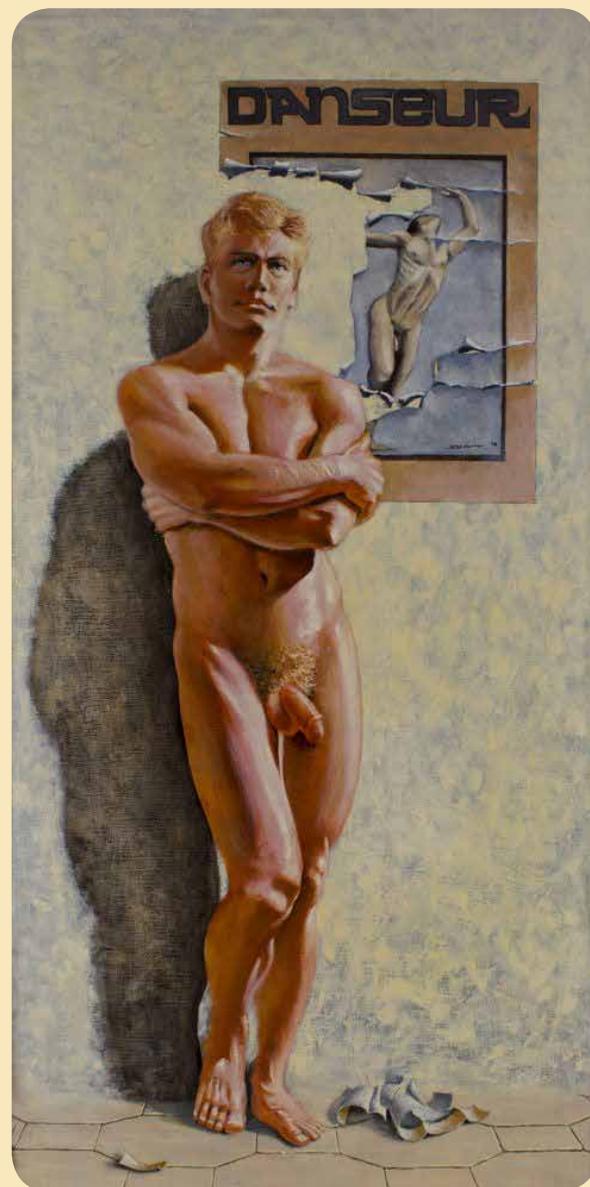
Sou um artista antes de tudo e, incidentalmente, um artista gay, mas grande parte do meu trabalho reflete uma orientação gay. Não se trata de uma agenda específica, mas representa imagens que considero importantes tanto para mim quanto para os espectadores.



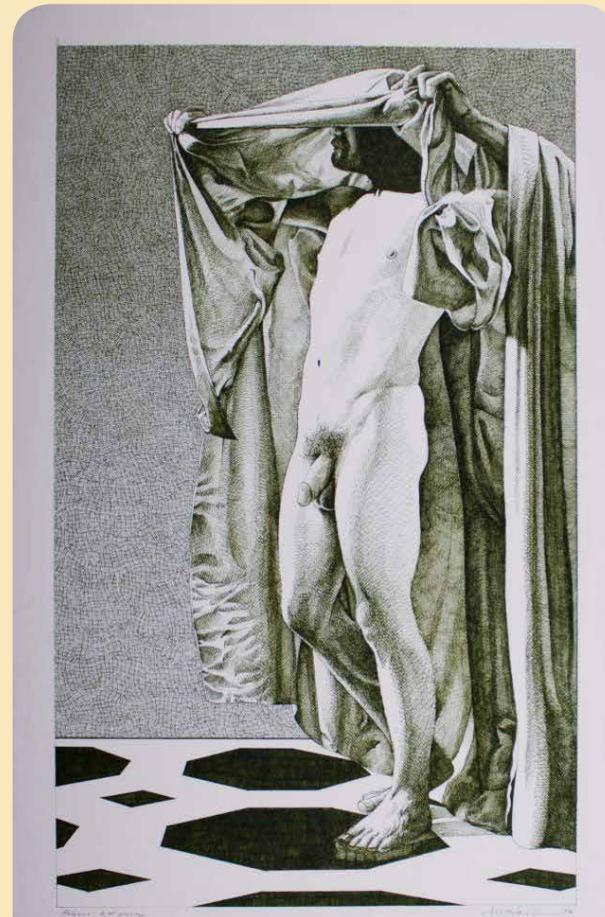
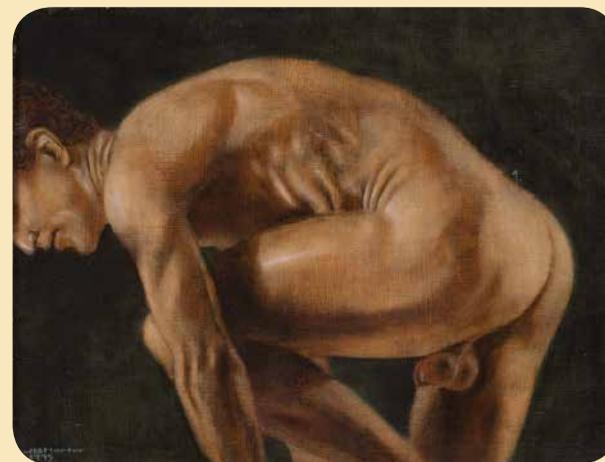
Ao lado: *Homenagem a Flandrin* (óleo sobre tela, 1994), *Detalhe de Darby* (óleo sobre tela, 1995) e *Helenus 2ª posição* (desenho à nanquim, 1996).
Abaixo: *Os observadores* (óleo sobre tela, 2000).



Rio e Turismo (óleo sobre tela, 1989) foi inspirado em uma fotografia que o artista tirou de uma barraca de vendedores ambulantes na praia do Rio de Janeiro.



Dançarino em pé (Scott), óleo sobre tela, 1996.



A vida de Harter terminou tragicamente quando ele foi assassinado em 13 de março de 2002 em sua casa em Nova Orleans. O crime nunca foi solucionado, e muitos acreditam que foi por homofobia.

O artista havia deixado em seu testamento a criação de uma fundação com seu nome por meio de um fundo de caridade para garantir a visibilidade de sua arte e concretizar sua visão criativa. Hoje a *Fundação John Burton Harter* é uma organização sem fins lucrativos que promove a arte de Harter e os interesses pelos quais ele se importava. **8=D**

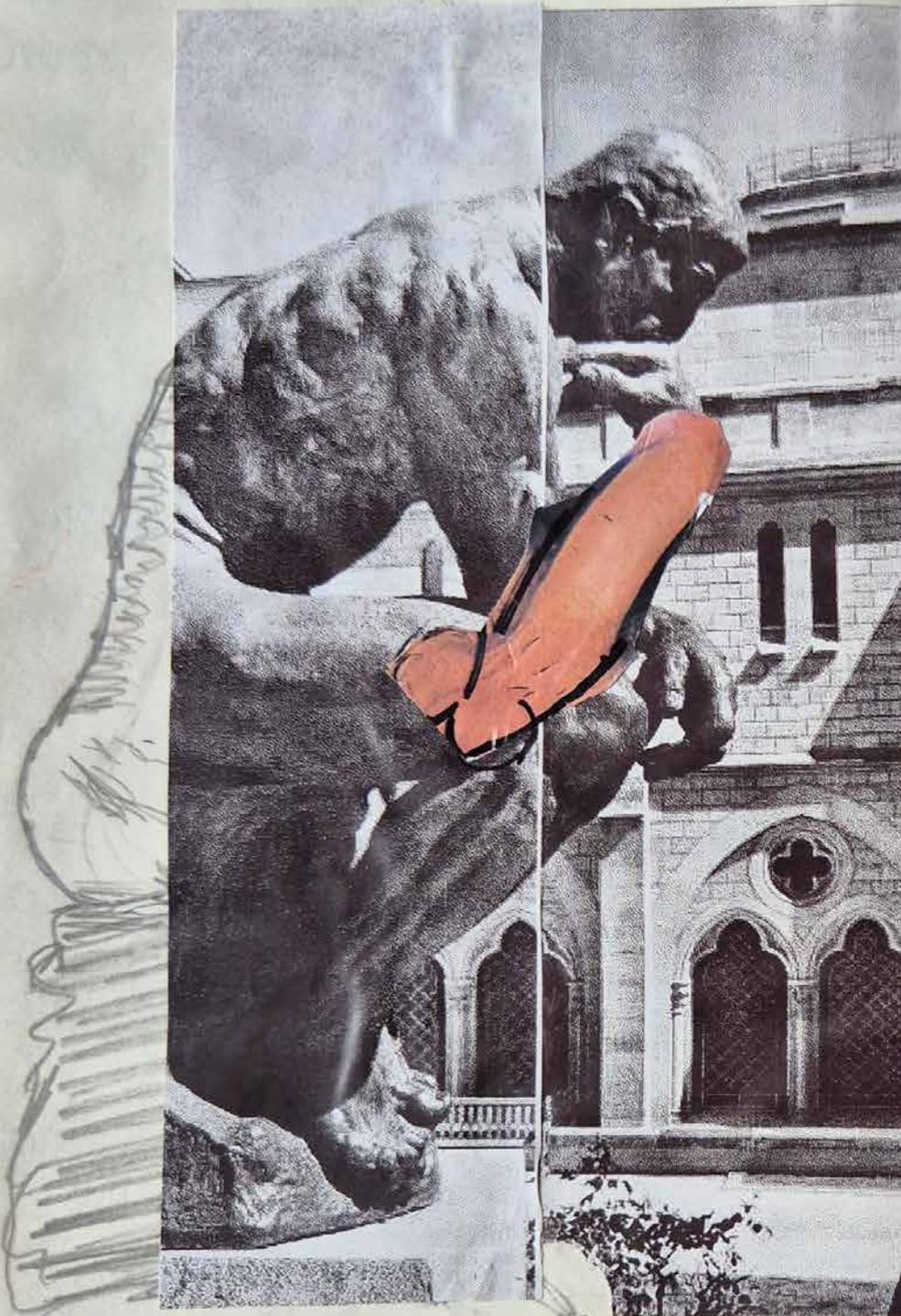
Imagens retiradas do site da *Fundação John Burton Harter*.



Professor, romancista, dramaturgo, mestre em Literatura e doutor em Letras, premiado... **Roberto Muniz Dias** tem um currículo e tanto. Em **E o Big Bang se deu com a proibição**, os poemas criados a partir de um exercício de escrita criativa se uniram a colagens e levaram o desejo homoerótico para além das margens do papel: "ele explode, ele causa, ele produz, se expande, sussurra, arde, late, reivindica", como afirma no início – ou seria "big bang"? – do seu projeto. Roberto diz que seus poemas "flertam com e desafiam a normalidade, como se cada poema-colagem fosse um buraco de fechadura, por meio do qual nós espiamos o desejo dos outros e, inexoravelmente, o nosso próprio". Parece seguir a linha transgressora de Bataille, desvelando um erotismo verborrágico e colocando o prazer como palavra de liberdade. **8=D**



* Um híbrido do Pensador de Rodin e do contrassexual de P. Preciado



Não posso encarar mais do que
duas taças de vinho
Eu não consigo segurar emo-
ções do passado
Sou um apreciador desgastado
De minha dor que antecipo:
Pensar em ti
Queria confiar no meu gosto
Mas perdi esse prazer
Tudo precisa ser medido
Para que não haja exagero
Mes para o meu próprio bem
Estou consciente
Perdi a mão
As letras já saem tortas
Só penso no teu pau
Como uma solução para tudo

IX

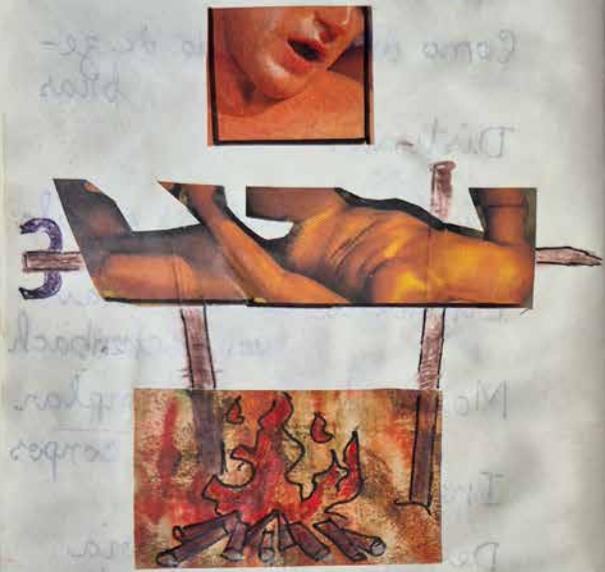
O jogo dos corpos
Estranhos
Como uma manada de zebras



Distintos
Pintos vultosos e vultuosos.
Eu, doente, como Gustav von Aschenbach
Morrendo ao contemplar tais corpos
Inerte
De repente, eu me via na cavalgada
Trotando, enfileirando
Apalpando.

[Signature] VII

Quando te vi, em carne e osso
Eu pensei que fosse te comer,
Algo do tipo como comer até
chupar os ossos
Quase canibalismo
Mas eu contive meu lado
Como seria o gosto do teu pau?
Dahmer
E do teu pé?
Chupar o ossinho do mindinho
E sentir teu gemido derradeiro.
Enquanto você come meu traseiro
Antropofagia pura
Os dois gritando pra lua



O jogo dos corpos
Estranhos
Como uma manada de zebras
Distintos
Pintos vultosos e vultuosos
Eu, doente, como Gustav von Aschenbach
Morrendo ao contemplar tais corpos
Inerte
De repente, eu me via na cavalgada
Trotando, enfileirando
Apalpando



Onde aprendi a te amar assim:
Ficar de joelhos, de quatro, engasgado?
Eu não continha minha sede
Você se esvaziava rapidamente
Me culpava!
Tinha raiva de minha insaciabilidade
Não tinha minha medida
Não conseguia me satisfazer
Estava quem!
Tu já não ensinavas
Você secava!
Não fazia mais sentido te chupar

* Uma proposta de acessórios masculinos usada

Desse modo, muitos acessórios masculinos usados entre os povos de origem turca e mongol.
Estava com mais orgulho de mim mesmo.
Tudo e mais um pouco de orgulho e morte.
Como dizem, a vida é curta e a morte é longa.
Eu sempre fui orgulhoso de mim mesmo.
Esperando que alguém me amasse.



A primeira vez que a chuva derrubada caiu
Nós sorrimos
Mas continuamos a brincadeira
Era sério aquilo de satisfazer
E, mais de uma vez, eu sempre diante
De tua enorme, incontrollável vazão.

X

[Signature] VI

Foi tua língua que
Fleuve-de-nose

Foi tua língua
que encontrou

minha verdade

Nosso sexo, a
coragem.

Um sexia o contrário?



SEJA MAIS.

**ben-
feitoria**

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Caye, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Paulo Cibella, Paulo Mendes, Silvano Albertoni, Valfredo Portella, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina, Marcos Resende e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida o Santo inimigo do mal

FALÓFORO

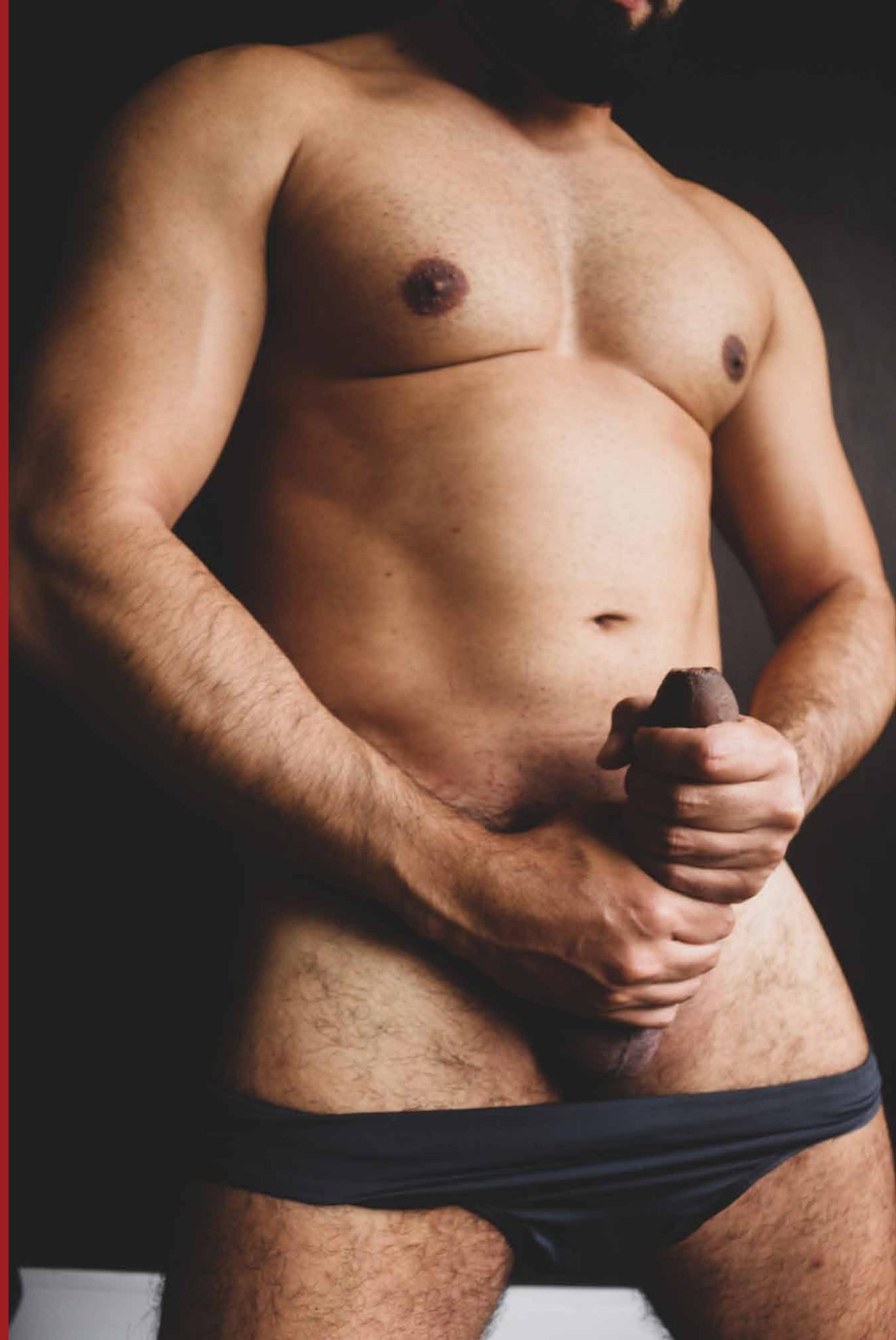


Foto: Guilherme Corrêa. Modelos: Anônimos.

CUECAS



rn

www

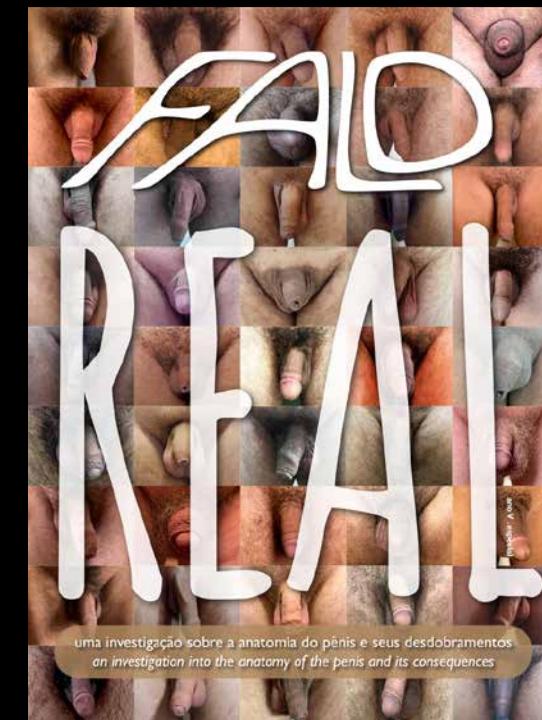


SUNGAS

Modelo: Flavio B.



NÃO SE PRENDAM A ESTEREÓTIPOS



Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado.**

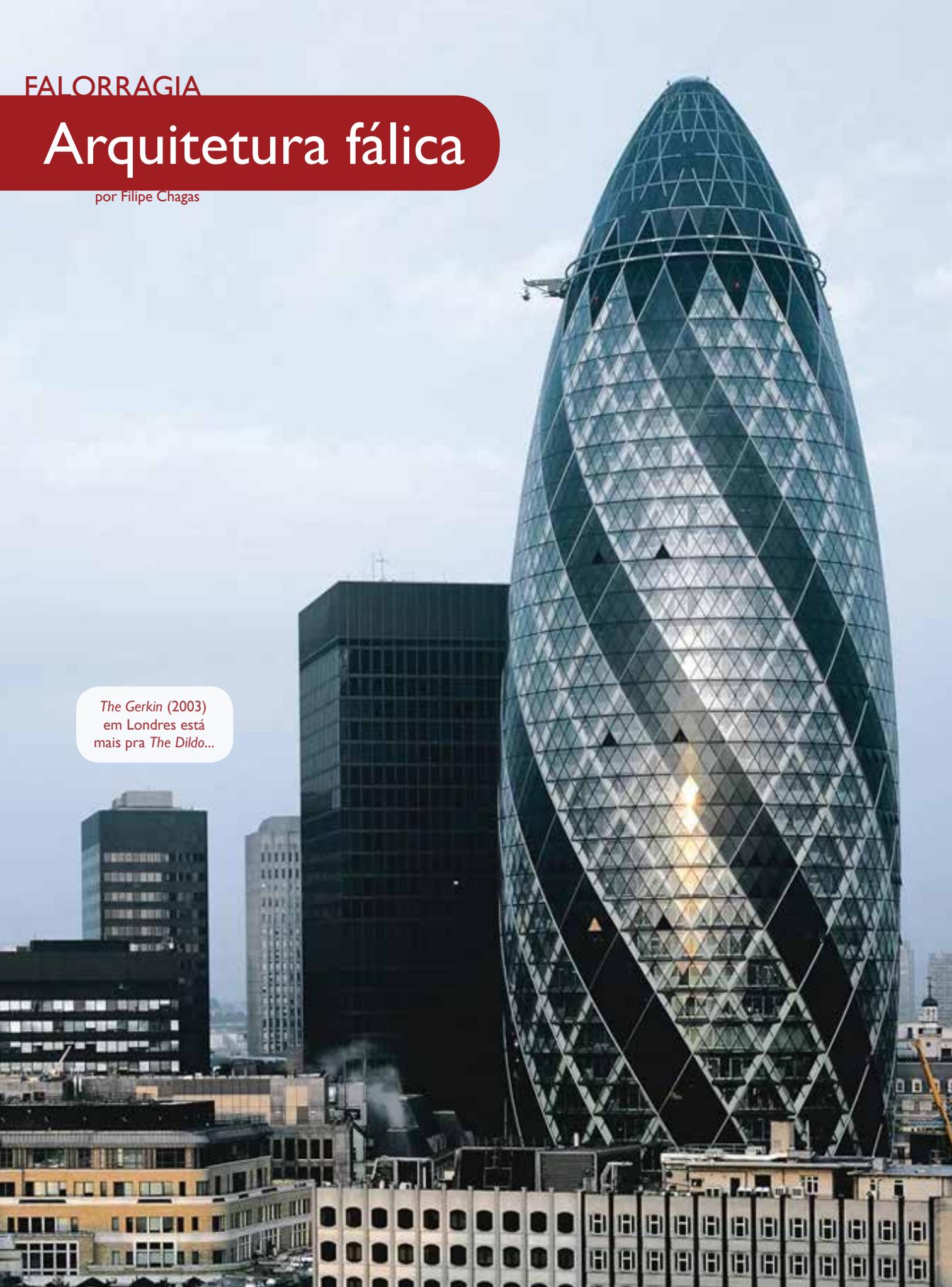
PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do
e-mail falonart@gmail.com

Arquitetura fálica

por Filipe Chagas

*The Gerkin (2003)
em Londres está
mais pra The Dildo...*



Provavelmente você conhece alguém que já tirou fotos em perspectiva brincando de sexo oral com a Torre Eiffel. Pode até ser que você tenha tirado fotos (vide eu ao lado)! Projetos arquitetônicos com verticalidade extrema instintivamente nos levam a isso. No simbolismo universal, o que aponta para cima é associado ao masculino, ativo, penetrante. E isso vem de uma moda egípcia! Mas vamos conhecer a história toda...



É amplamente sugerido por arqueólogos que blocos de pedra posicionados em pé, datados de 5000 a 2500 a.C. e encontrados em várias partes da Europa – especialmente Reino Unido, Irlanda e Península Ibérica – possam estar associados a cultos de fertilidade, sacralização da terra e conexão com os céus. Apesar de ainda haver debates sobre sua função, esses menires – como são chamados os blocos – poderiam indicar um simbolismo fálico. Algumas cidades sumérias e acádias erguiam colunas rituais em templos (zigurates), que podiam carregar sentido fálico como “eixos do mundo” conectando céus e terra. No entanto, os obeliscos egípcios foram os primeiros a receber esse simbolismo de forma direta.

Um dos quinze menires do Padrão, localizados em Algarve, Portugal.

Teria sido uma inspiração pro edifício em Londres ao lado?



Criados no Egito Antigo (por volta de 2500 a.C.), o obelisco é um pilar de pedra monolítico, de base quadrada, que afunila levemente até terminar numa pirâmide de quatro faces na ponta (*pyramidion*). Do grego *obeliskos*, diminutivo para “agulha”, ele simbolizava um raio de sol petrificado, uma ponte entre o mundo humano e o divino já que este monumento arquitetônico era dedicado ao deus Rá*. Eram colocados na entrada de templos geralmente sozinhos, sem outras estruturas muito próximas, fazendo com que se destacassem como um marco arquitetônico. Esse isolamento reforça a ideia de poder divino (do faraó), proteção e dominância. Não havia, entretanto, conotações sexuais nos obeliscos.



Acima, o Templo de Luxor no Egito com um único obelisco na entrada, pois o outro foi levado para Paris e está na Praça da Concórdia desde 1836.

* A simbologia egípcia é muito rica e multidimensional e, por isso, há interpretações simbólicas mais contemporâneas – sem comprovação científica – que veem o obelisco como o falo perdido de Osiris (fertilidade e regeneração) ou o falo ereto de Geb (poder divino e criador).



O obelisco da Praça São Pedro no Vaticano foi levado para Alexandria após a conquista do Egito. Em 37, Calígula mudou-o para seu circo em Roma e lá está até hoje.



A Agulha de Cleópatra no Central Park em Nova York, par de outra que está em Londres, ambas tomadas do Egito por Roma e chegadas no século 19 em seus locais atuais.



O conhecido Monumento a Washington é a estrutura predominantemente de pedra mais alta do mundo e o obelisco mais alto do mundo.

O Império Romano (séc. I a.C. ao séc. 5 d.C.) levou o obelisco egípcio como troféus de conquista, mantendo sua associação com poder político e dominação. Sem estar explicitamente sexual, já se aproximava da ideia de poder masculino. No Barroco (séc. 15 a 17), houve uma fusão arquitetônica de outras culturas e o obelisco retornou para configurar uma nova concepção de espaço – como na Praça de São Pedro em Roma, hoje no Vaticano –, onde o monólito ganhou a interpretação de “fé cristã triunfante” e alguns receberam cruzeiros no *pyramidion*. Artistas e humanistas já começavam a brincar com a analogia fálica em círculos privados.

No século 19 explodiu na Europa e nos EUA a Egiptomania, uma verdadeira febre cultural após descobertas arqueológicas que se apropriou da estética egípcia e transportou os obeliscos para a paisagem urbana ocidental, associados à “potência civilizatória” das nações coloniais. No imaginário europeu, o Egito também foi associado ao luxo, ao erotismo e ao misticismo, o que levou ao surgimento de escritos acadêmicos e literários na reprimida e repressora Inglaterra Vitoriana que, misturado a teorias psicanalíticas emergentes no continente, fomentou a interpretação do obelisco como um falo erguido em direção ao céu.

Vale dizer que Freud nunca escreveu somente sobre arquitetura. Em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), ele descrevia como a mente humana transforma formas e objetos em símbolos sexuais. Ele observou, então, que construções altas, isoladas e rígidas tendem a despertar associações inconscientes com o falo, especialmente em culturas patriarcais. Por isso, mesmo que a intenção original seja puramente religiosa ou estética, a percepção popular pode acabar sexualizando a forma. É claro que um monumento robusto na base e mais estreito no topo lembra a anatomia peniana, ainda mais quando o *pyramidion* era em ouro e acabava parecendo uma glândula estilizada.

A partir daí qualquer edificação verticalizada recebe imediatamente uma leitura fálica para chamar de sua, mesmo as antigas que obviamente não foram erguidas com propósitos sexuais, como torres de igrejas, campanários, minaretes islâmicos ou até chaminés industriais. Não seria diferente com os arranha-céus estadunidenses, que perfuraram os céus das cidades como sinais de poder, ambição e domínio que a sociedade patriarcal machista branca heteronormativa colonial e capitalista necessitava mostrar.

A simbologia fálica na arquitetura é um tema amplo. Colunas de sustentação já receberam leituras fálicas – como a Coluna de Trajano –, mas o importante é entender a interpretação cultural dada a partir de um determinado momento na história da humanidade. Ou seja, é uma representação social construída. **8=D**

Arranha-céus pelo mundo:

- [1] Woolworth Building (EUA, 1913), considerado o primeiro arranha-céu.;
- [2] Chrysler Building (EUA, 1930);
- [3] Empire States Building (EUA, 1931);
- [4] One World Trade Center (EUA, 2014);
- [5] Gazprom Tower / Lakhta Center (Rússia, 2019);
- [6] Burj Khalifa (Emirados Árabes Unidos, 2010);
- [7] Taipei 101 (Taiwan, 2004);
- [8] Shanghai Tower (China, 2015); e
- [9] Petronas Twin Towers (Malásia, 1998).



CURIOSIDADE

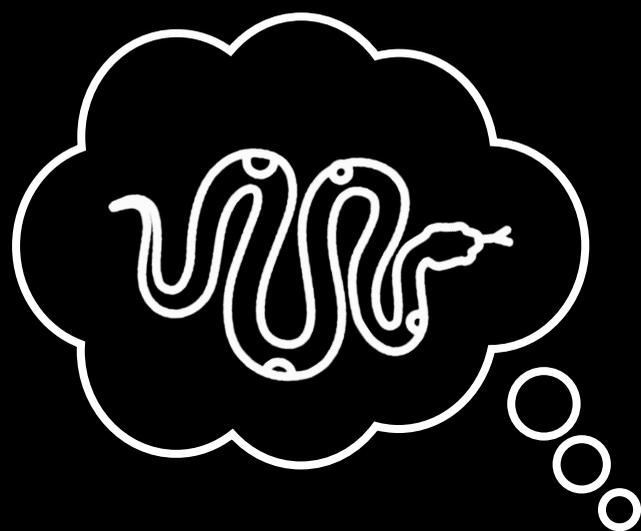
As cúpulas em formato de “cebola” das igrejas ortodoxas russas também não são fálicas. Seu formato bulboso é totalmente funcional – para evitar o acúmulo de neve e o sobrepeso na estrutura – e simbólico – parece tanto uma “vela” (a Igreja como farol do mundo, a luz de Cristo) quanto um capacete local (a Igreja como guerreira espiritual e protetora da fé).



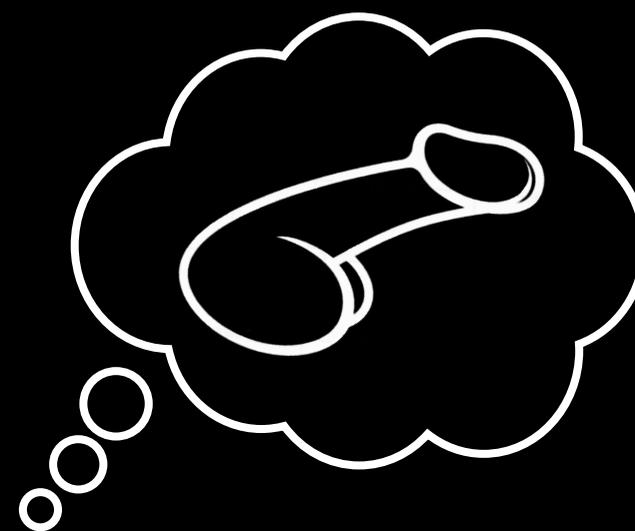
Contos do Falo

PESADELO

Eu tinha pesadelos, quando criança. A noite vinha e eu ficava enrolando, vendo TV na sala, pegava um caderno ou um livro da escola e dizia a meus pais que ainda tinha um dever de casa para fazer ou precisava terminar a leitura de um gibi emprestado e que amanhã sem falta eu tinha que devolver, falava até para eles irem dormir e assim que terminasse o gibi eu ia, eles não se deixavam enganar, respondiam que eu tinha que ir logo para meu quarto e quando a luz se apagava era o reino do terror, dos medos, da aflição, do desespero. Gritava em dor, acordava todos na casa, meus olhos arregalados sem nada ver e eu apontando para as paredes lisas e imaculadas de onde via brotarem bruxas e serpentes. Eu era bem criança mesmo. Meus pais me levaram a médicos, a psicólogos. Um psicólogo explicou que eu não devia usar roupas muito coloridas, que meus pais deveriam ficar atentos se eu não estava andando com meninos mais velhos, sempre tem um vizinho esquisito, ele insistiu. Para outra psicóloga, eu não podia ficar vendo TV até a hora de dormir e meu pai retrucou “antes ele ficasse vendo TV, ele não larga os gibis até na cama”, por sorte a doutora não voltou sua ira para meus reles e gastos gibis. Um médico diagnosticou que eu não podia comer feijão no jantar, só comidas leves, um lanche – e minha barriga roncando de fome passou a ser a trilha sonora dos meus monstros noturnos. Um pai de



santo se recusou a fazer alguma coisa, disse que só quando eu fosse adulto eu mesmo ia saber o que fazer. Eu não sabia o que fazer. A escola era outro problema. Gritava de pavor ao ter que entrar na van escolar, ao cruzar o portão da escola, a ver as portas se fechando, no recreio. E gritava mais ainda na hora de voltar para casa à tardinha sabendo que à noite os pesadelos iam voltar. Com o tempo, aprendi a segurar dentro de mim o pavor que sentia, parei de gritar de olhos fechados no meio da noite, de acordar a casa inteira – os pesadelos agora eram meus, só meus, dentro de minha cabeça e da noite que se adensava em mim com meus olhos se cerrando, boa noite, mamãe. Boa noite, durma bem, meu filho. Os anos se passaram e os pesadelos guardados em mim como joias letais, como malignas pérolas em um cofre, e eu aprendi a me tocar. Minha pica ainda de criança pequena e lisa sem pentelhos sem marcas sem sinais mas a pele fina que cobria aquela parte sensível já aprendia a se abrir para o prazer, eu me tocava e sentia e quando eu gozei pela primeira vez ainda um gozo ralo que certamente não era suficiente para emprenhar uma mulher mas era um gozo meu que vinha de dentro de mim como uma mágica, a mais surpreendente das mágicas que pode fazer um homem e então os gritos de dor e as serpentes e as bruxas se acabaram e nunca mais nunca mais eu tive pesadelos.



Me atraem os homens que sou – ou que queria ser. Talvez não deseje um corpo, mas um gesto. Um cheiro. Um susto. O desejo não é direção, é espelho. Às vezes, quero o toque. Às vezes, quero ser quem toca. No fim, o que acende não é o outro – é o que ele provoca em mim. Porque o desejo sempre diz mais sobre quem deseja do que sobre quem é desejado.

O corpo que posa não se oferece – se impõe. Não é vitrine de desejo, é altar de presença. Há algo no nu masculino que ultrapassa a pele: não é sobre o falo, o músculo ou a beleza. É sobre silêncio – esse instante em que o corpo deixa de servir e começa a significar.

O nu não é exposição. É entrega. É o corpo dizendo: “não me toque – me escute.”

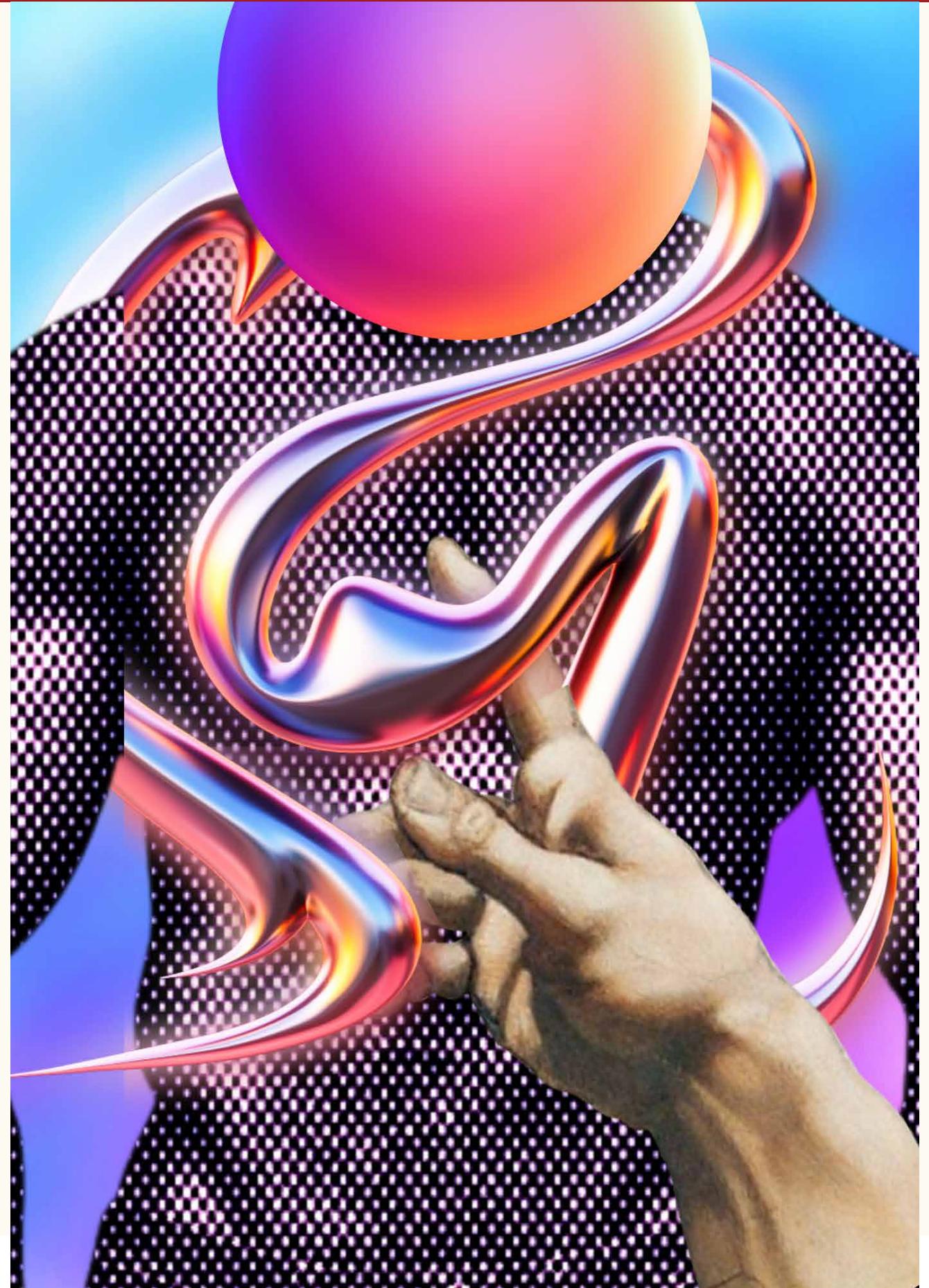
Mostrar-se em pele é dizer o que vai além das palavras, dos desejos, da carne. Talvez seja algo que nem vemos – mas que é feito da soma de tudo isso. Algo que nem conseguimos desejar, porque não sabíamos que existia. Mas que, ao se mostrar, revela o que sempre sonhamos – e aqui digo sonho, não desejo. Porque o desejo precisa de um objeto. E há corpos que não se objetificam. Eles se tornam linguagem.

O nu, em seu poder imperial e na nuance dos detalhes, não é beleza – é poesia em estado bruto. É suor de quem atingiu uma satisfação que escapa ao físico, mas não se resume ao fantástico. É arte encarnada.

E quando o corpo se aproxima da arte – quando empresta sua nudez ao gesto que delira – acessa aquele mesmo lugar onde os loucos vivem. Porque ali a lógica se dobra, e o sentido se multiplica. Ali não é só corpo. Não é só alma. É soma. É natureza.

Descrever esse lugar é impossível com regras gramaticais. O corpo rima com a arte de um jeito que dispensa técnica. É uma rima pobre de forma, mas rica de existência.

Que o nu nos leve para esses territórios sem mapa. Lugares em que, mesmo sozinhos, reconhecemos quem sempre esteve conosco: nós mesmos.







O OUTRO É O OUTRO (E NÃO O QUE EU ESPERO QUE ELE SEJA)

Se a neurose adulta é uma contínua atualização da neurose infantil, faria algum sentido o fato de homens gays adultos, por vezes, serem impactados excessivamente por rejeição e solidão. Presos nesses sentimentos, criam diversas rivalidades que vão desde ofensas à aparência do outro (tamanho; se é magro, musculoso ou gordo; idade; vivências sexuais...) até tweets cheios de ódio e xingamentos para defender suas divas pop.

A neurose em termos psicanalíticos caracteriza-se como uma resposta a eventos complexos que foram recalçados pelo indivíduo em momentos específicos da formação de sua personalidade. Sabemos que a comunidade LGBTQ+ desde cedo é permeada por sentimentos de negação, abandono, medo... Crescer nesse cenário nos coloca numa posição assustadora perante o mundo e naturalmente vamos trilhar caminhos em busca do oposto a tudo isso: aceitação, respeito, validação, afeto, inclusão, segurança...

Contudo, a forma como se busca validação – especificamente na



comunidade GAY –, por vezes, vem erroneamente em forma de aparência e status. A gente aprende a ler nosso semelhante pela lógica da imagem, do desejo e do sexo e, quando o check-in para esses itens não ocorre (e acreditem, a maioria das vezes ele não vai acontecer mesmo!), a rejeição faz a gente criar um senso absurdo de inimizade e disputa entre iguais. Muitos de nós ficamos presos no sentimento de rejeição, tal qual a criança que vai se entendendo “viada” e sente a reprovação, o medo e a angústia do pai, da mãe, da sociedade, do mundo. Se começamos a vida, mesmo que sem intenção, frustrando àqueles que mais sentimos que nos ama, imagina como vai ficando nosso inconsciente!

Eu só consigo ser inclusivo com o outro se eu não ficar buscando nele aprovação, aceitação e validação. Eu preciso dar uma perspectiva diferente para minha história de vida, organizar a bagunça, para daí conseguir entender o outro para além da ordem do meu desejo e da minha necessidade.

FOTO DE HOMEM



moNumento

Modelo: André Vidal.
Foto: autorretrato.



O maior portal de **nu masculino** do Brasil.
www.fotodehomem.com



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

